



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA – CELIP

**LEITURAS DIALÓGICAS DE CHARGES: UMA
EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

MARCILON RODRIGUES BRITO

CAMPINA GRANDE – PB

2014

**LEITURAS DIALÓGICAS DE CHARGES: UMA EXPERIÊNCIA
DIDÁTICA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

MARCILON RODRIGUES BRITO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Língua Portuguesa: *Princípios Organizacionais da Língua e Funcionamento Textual Discursivo*, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier

CAMPINA GRANDE-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

862 Brito, Marclon Rodrigues
Leituras dialógicas de charges [manuscrito] : uma experiência didática com alunos do 3º ano do ensino médio / Marclon Rodrigues Brito. - 2014.
55 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier,
Departamento de Letras".

1. Dialogismo 2. Charge 3. Leitura 4. Língua - Comunicação
I. Título.

21. ed. CDD 401.41

**LEITURAS DIALÓGICAS DE CHARGES: UMA
EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

MARCILON RODRIGUES BRITO

BANCA EXAMINADORA

Manassés Morais Xavier
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)
Orientador

NOTA: 10,0

Anderson Monteiro Andrade
Prof. Ms. Anderson Monteiro Andrade (PROLING/UFPB)
Examinador

NOTA: 10,0

Cléa Gurjão Carneiro
Prof. Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)
Examinadora

NOTA: 10,0

Trabalho aprovado em: 10 de julho de 2014

Média: 10,0

CAMPINA GRANDE – PB

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, pela força e coragem que me proporcionou nas horas de agonia.

Agradeço àqueles que estão sempre do meu lado, torcendo por minhas conquistas.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante o curso, em especial ao meu professor e orientador Manassés Moraes Xavier, responsável pela realização deste trabalho e pela imensa paciência na construção do meu aprendizado, bem como confiro agradecimentos a banca examinadora deste trabalho pela disponibilidade oferecida.

Agradeço também a todos da minha família que, apesar da distância, sei que torcem pelo meu sucesso.

Agradeço aos meus amigos do curso que sempre me incentivaram a buscar as conquistas. Obrigado a todos pela paciência, pelo incentivo, pela força e, principalmente, pelo carinho.

Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar... Hoje estamos colhendo juntos os frutos do nosso empenho!

Esta realização é de todos nós!!!

Aprendi o silêncio com os faladores, a tolerância com os intolerantes, a bondade com os maldosos e, por estranho que pareça, sou grato a esses professores.

KHALIL GIBRAN

RESUMO

Nesta pesquisa, vinculada ao tipo de pesquisa-ação, propusemos a realização de leituras dialógicas de charges numa proposta educativa para alunos do 3º ano do Ensino Médio, do Colégio Novo Milênio, situado na cidade de Campina Grande – PB. Partimos da seguinte questão-problema: qual o impacto, no tocante à formação de sujeitos leitores críticos, de ações didáticas que tenham o gênero charge como foco de discussão em aulas de leitura no Ensino Médio? Do ponto de vista dos objetivos assumidos destacamos como geral formar leitores críticos por meio de charges e específicos: refletir sobre a concepção dialógica da linguagem, instigar o aluno a conhecer o funcionamento da nossa língua por meio do gênero charge e proporcionar uma discussão crítica sobre os discursos mostrados no gênero em estudo, possibilitando, em aulas de leitura, a formação de sujeitos reflexivos. Nosso trabalho é pautado, bibliograficamente, na Análise Dialógica do Discurso (ADD), Bakhtin e o Círculo, e tem como objeto de estudo comentários escritos dos alunos sobre as charges trazidas no contexto da ação didática empreendida. Os resultados obtidos apontam que os comentários dos alunos mostraram-se num princípio evolutivo considerável, buscando, dialogicamente, em outros discursos uma interação de conhecimentos que foi além do esperado, para tanto, se relacionando com novas fontes de informação, construindo, assim, uma dialogicidade com outras fontes, outros textos e outros enunciados já citados, tanto na mídia como nas aulas, e até em conversas de amigos, numa espécie de compartilhamento de saberes e informações.

Palavras-chave: Dialogismo. Charge. Leitura.

ABSTRACT

In this research, linked to the type of action research, we have proposed the dialogical readings of cartoons in an educational proposal for students in the 3rd year of High School, College New Millennium, located in Campina Grande - PB. We leave the following problem-question: regarding the formation of subjects critical readers, the impact of actions that have the didactic genre charge a specific focus on reading classes in high school? From the point of view of the goals of general form include as critical readers through cartoons and specific: to reflect on the dialogical conception of language, instigating the student to know the functioning of our language through the genre charge and provide a critical discussion of the addresses shown in genre study, allowing in reading classes, the formation of reflective subjects. Our work is guided, Bibliographically in Dialogic Discourse Analysis (DDA). And Bakhtin Circle, and had as its object of study the students written comments about the charges brought in the context of didactic action taken. The results indicate that the comments of the students up a considerable evolutionary principle, seeking dialogically, in other discourses of knowledge that an interaction was better than expected for both, relating to new sources of information, thus building a dialogicity with other souces, other texts and other statements cited above, both in the media and in school, and even in conversations of friends, a kind of knowledge and sharing.

Keywords: Dialogism. Charge. Reading.

LISTA DE SIGLAS

ADD	Análise Dialógica do Discurso
CNM	Colégio Novo Milênio
CV	Charge virtual
ES	Aluno comentarista da pesquisa
GD	Gêneros do Discurso
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PCNLP	Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa
TS	Aluna comentarista da pesquisa
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	12
1.1 A pesquisa	12
1.2 Seleção do <i>corpus</i> e os procedimentos da análise.....	13
1.2.1 Um pouco sobre o Colégio Novo Milênio.....	14
1.2.2 Os alunos envolvidos na pesquisa.....	15
1.2.3 Questionário Sociocultural.....	16
1.2.4 A sequência Didática.....	17
1.2.4.1 Relatando a intervenção.....	18
CAPÍTULO II - ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO E APONTAMENTOS TEÓRICOS.....	20
2.1 A palavra dialógica.....	20
2.2 A leitura na perspectiva dialógica e a noção de dialogismo.....	21
2.3 Um olhar para a orquestração de vozes: a polifonia.....	24
2.4 A ironia dialógica.....	25
2.5 Entendendo a concepção de enunciado concreto.....	26
2.6 Os gêneros do discurso.....	28
CAPÍTULO III - A EXPERIÊNCIA DIDÁTICA DIALOGICAMENTE VIVENCIADA.....	30
3.1 Os gênero charge e sua aplicabilidade na sala de aula.....	30
3.2 Descrevendo a sequência didática.....	34
3.3 Leituras dialógicas nos comentários dos alunos.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES.....	50
APÊNDICE 1 - MATERIAL USADO NO 1º ENCONTRO COM A TURMA	
APÊNDICE 2 - MATERIAL TEÓRICO UTILIZADO NO 2º ENCONTRO	
ANEXOS.....	57
ANEXO 1 - ENCONTRO COM A TURMA DO COLÉGIO NOVO MILÊNIO	
ANEXO 2 - QUESTINÁRIOS E PRODUÇÕES RESPONDIDOS PELOS ALUNOS	

INTRODUÇÃO

Partindo do objetivo de analisar o funcionamento da teoria de Bakhtin e do Círculo¹ sobre o dialogismo, nos utilizamos desta teoria com intuito de destacar nas produções dos alunos do 3º ano do Ensino Médio como se processa essa interação entre sujeito e linguagem a partir da leitura de charges nas aulas de Língua Portuguesa, explicitando o aparecimento de diversas vozes pautadas em discursos construídos por inferências perpassadas na sala de aula, como também nos conhecimentos de mundo dos alunos sobre determinado tema.

É com esse intuito de descoberta, que esta monografia se pauta no seguinte tema: leitura de charges numa perspectiva dialógica em contexto de ensino-aprendizagem, analisando as relações dialógicas estabelecidas em comentários escritos produzidos por esses alunos, mostrando o aparecimento das múltiplas vozes pautadas em discursos já ditos anteriormente e convocados por eles de forma direta ou indireta.

Partimos da seguinte questão-problema: qual o impacto, no tocante à formação de sujeitos leitores críticos, de ações didáticas que tenham o gênero charge como foco de discussão em aulas de leitura no Ensino Médio?

Do ponto de vista dos objetivos assumidos destacamos como geral formar leitores críticos por meio de charges e específicos: refletir sobre a concepção dialógica da linguagem, instigar o aluno a conhecer o funcionamento da nossa língua por meio do gênero charge e proporcionar uma discussão crítica sobre os discursos mostrados no gênero em estudo, possibilitando, em aulas de leitura, a formação de sujeitos reflexivos.

Esta monografia justifica-se e torna-se relevante por entendermos que a leitura dialógica de charges contribui para a formação intelectual dos alunos, buscando desenvolver seu senso crítico sobre determinado assunto em estudo, contribuindo para que as aulas de análise e interpretação textuais sejam mais produtivas.

Sobre o ensino de língua, podemos ressaltar que a diversidade de gêneros nos traz respaldos positivos no trato com os fenômenos languageiros que os aproximam de uma concepção de língua cada vez mais sociointeracionista. Com esse intuito, partimos da leitura do gênero charge, que, dentro da esfera jornalística, pode ser considerado um dos mais criativos por absorver informação e crítica social.

¹ O pensamento bakhtiniano não é constituído apenas pelos escritos do filósofo da linguagem Mikhail Mikhalovich **Bakhtin**, mas também pela produção de intelectuais de diferentes áreas que com ele participaram, na Rússia compreendido entre os anos 1920 e 1970, de vários e produtivos Círculos de discussão e construção de uma postura singular em relação à linguagem e seus estudos. Dentre esses intelectuais citamos Valentin Nikolaevich **Volochinov** e Pavel Nikolaievitch **Medvedev**.

Bakhtin (2010) considera que os gêneros de discurso constituem uma economia da linguagem, pois, se eles não existissem e se, a cada vez que nas atividades de interação fossem criados novos gêneros, a troca verbal seria impossível. Analisando esse conceito de Bakhtin, vemos que a análise de charges na sala de aula, é de grande importância, pois trata-se de um gênero que nele vamos encontrar um certo tipo de linguagem, que atinge leitores de diferentes idades, assumindo diferentes papéis de agente de informação através de fatos do nosso cotidiano.

Com a grande diversidade de gêneros, e a grande maioria mostrados de inúmeras maneiras na sala de aula, no gênero charge vamos encontrar uma forma educativa de chamar a atenção dos alunos para envolvê-los em assuntos que, sem dúvida, servirão de ponto de partida para a elaboração de seus comentários e, com isso, poderemos analisar a presença do dialogismo, nos comentários traçados pelos alunos, pois a charge como gênero discursivo aguça a curiosidade dos leitores por trazer junto ao texto verbal imagens revestidas de críticas e humor.

Assim, a charge pode trazer para as aulas, um estilo único de ilustração que tem por finalidade satirizar seus temas, envolvendo os acontecimentos atuais, fazendo com que os alunos busquem outras informações.

A charge é mais que um desenho. Com ela podemos tornar o universo de aprendizagem do aluno mais dinâmico ao mundo da leitura e da escrita, aproximá-lo dos mais variados tipos de linguagens, mostrando a riqueza da linguagem informal, como ressaltam Bakhtin/Volochínov (2009) que toda linguagem é carregada de diversas vozes e valores sociais.

Sobral (2009) enfatiza que, antes mesmo de falar ou escrever, o locutor altera e modula sua fala, ou seu modo de dizer, mostrando que isso também acontece na escrita quando vamos escrever sobre determinado assunto.

Podemos observar que as charges, com seus temas e abordagens, vão além de uma análise crítica social, dando ao professor de Língua Portuguesa respaldos para usá-las em suas aulas, principalmente no que se refere à prática dialógica nos discursos midiáticos.

Esta pesquisa se pauta basicamente nas teorias adotadas nos trabalhos de Bakhtin/Volochínov (2009) sobre o dialogismo, citando que a linguagem é, necessariamente, fruto das relações do eu com o outro. Portanto, o outro exerce papel fundamental nesse processo de interação entre os interlocutores. Podemos também destacar outros estudiosos que, com base nos escritos de Bakhtin e do Círculo, se ocuparam em traçar comentários sobre o mesmo tema como: Brait (2012; 2008; 2005), Faraco (2003), Fiorin (2006) e Sobral (2009).

Metodologicamente, a monografia utiliza para sua consecução uma pesquisa qualitativa, vinculada ao tipo de pesquisa-ação. Teve como sujeitos alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, do Colégio Novo Milênio, situado na cidade de Campina Grande - PB. Basicamente, a turma é formada por oito alunos, pois é a primeira turma do 3º ano dessa instituição, onde foram gerados, dentro de aulas de leitura, comentários escritos sobre as charges levadas para a discussão.

A escolha dos sujeitos envolvidos na pesquisa justifica-se pelo fato de serem alunos que estão concluindo um estágio importante de sua carreira estudantil: preparando-se para ingressarem numa universidade. Com isso, foi analisado seu desempenho qualitativo em produzir um comentário a partir de temas extraídos das charges.

Partimos do pressuposto que a leitura dialógica de charges não é apenas uma análise do que está dito, mas uma busca de significações do que já disseram ou de mensagens que traduzem outros discursos já explicitados por alguém, marcados pelo processo de produção e pelo processo de suas leituras (ALMEIDA, 2013). A leitura de charges vai além de uma metalinguagem, perpassando as reflexões sobre o fenômeno dos enunciados, formando assim os discursos.

Do ponto de vista da organização, esta monografia está dividida em três partes, compondo esta introdução, três capítulos e as considerações finais. O capítulo I, sobre a metodologia, trata de todo percurso metodológico desenvolvido no trabalho. Procuramos mostrar os procedimentos que foram abordados para pesquisa e as consecuições que geraram as leituras dos dados, bem como chegamos aos resultados.

No capítulo II abordamos sobre os principais conceitos mobilizados pela Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD). Já no capítulo III mostramos a ação didática vivenciada junto aos alunos do Ensino Médio, funcionando, para tanto, como o relato da experiência empreendida. Nas considerações finais trazemos um diálogo reflexivo sobre os nossos objetivos assumidos e os resultados alcançados. O trabalho ainda apresenta referências, apêndices e anexos.

CAPÍTULO I

OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1 A pesquisa

Neste capítulo traçaremos os procedimentos da metodologia desenvolvida, ou seja, o tipo de pesquisa, os meios de investigação, o universo, um pouco sobre o perfil dos alunos, a seleção dos sujeitos e como chegamos aos objetos de análise.

Segundo Lakatos (2001, p. 83), a metodologia é o item considerado como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que com maior segurança e economia permite alcançar o objetivo, ou seja, os conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e avaliando as decisões do cientista.

Como sabemos, podemos dizer que a metodologia se resume as etapas a seguir de um determinado processo, e exatamente é o que relataremos nas próximas linhas deste capítulo, buscando de forma minuciosa retratar, em forma de diálogo, os procedimentos implicados, uma vez que

o diálogo é o encontro entre os homens mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõem-se como caminho pela qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Não pode converter-se num simples intercâmbio de ideias... não é também uma discussão hostil, polêmica entre os homens que não estão comprometidos nem ao chamar ao mundo pelo seu nome, nem a procura da verdade, mas a imposição de sua própria verdade. (FREIRE, 2000, p. 92)

Como diz a citação acima descrita, podemos perceber que qualquer forma de interação entre os homens é uma maneira de buscar seus objetivos como seres transformadores da realidade, pois o diálogo nada mais é uma forma de mostrar a capacidade de humanização entre as partes, visto que tanto o locutor como o locutário desempenham, cada um, uma função de mediadores do próprio conhecimento de mundo.

A cada instante buscamos maneiras de elucidarmos os segredos do conhecimento e aperfeiçoá-lo. Dessa forma, é que através de etapas de desenvolvimento buscamos alcançar objetivos positivos, no que se refere a leitura e a escrita.

Podemos ressaltar que a pesquisa retratada está diretamente ligada ao pesquisador, ao objeto de análise e aos sujeitos envolvidos, pois, de uma forma ou de outra, traçamos nossas metas em cima de uma busca pela melhor aprendizagem dos alunos, seja de forma direta, ao lecionarmos nossas aulas, seja de forma indireta, quando intervimos em aulas alheias para alcançar resultados implicitamente positivos, ou a resolução de conflitos existentes nas aulas de Língua Portuguesa nos dias atuais.

Quanto aos meios, podemos dizer que a presente pesquisa é uma pesquisa-ação, caracterizada como um tipo particular de pesquisa participante que supõe uma intervenção participativa na realidade social (THIOLLENT, 1998), ou seja, na realidade dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, uma vez que a busca de resultados se pautará, portanto, com um fim intervencionista, em que tais resultados consistirão de acordo com o grau de conhecimento de cada envolvido no assunto, influenciando, assim, os resultados finais de análise das leituras dos mesmos.

1.2 Seleção do *corpus* e os procedimentos de análise

A presente pesquisa foi realizada durante duas semanas de aulas, sendo três aulas na primeira semana e duas aulas na segunda, formando um período de cinco horas/aula, no mês de abril de 2014. Cada aula é composta por 45 minutos.

A sequência didática, que se encontra no capítulo III, está traçada em três encontros que juntos formam as cinco horas/aulas de encontro presencial com alunos do 3º ano do Ensino Médio, no Colégio Novo Milênio, instituição que faz parte da rede particular de ensino da cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba.

A escolha desse colégio supracitado fez-se devido o fato de o pesquisador trabalhar no recinto como coordenador do Ensino Médio no período da manhã, por ser a primeira turma do 3º ano dessa instituição e por traçar um perfil de colégio em pleno crescimento, tanto estrutural como em seu modelo de ensino com alunos em preparação para entrar em instituições de ensino superior, bem como no mercado de trabalho, e por ser um ambiente propício ao desenvolvimento intelectual dos alunos.

Para iniciarmos a presente pesquisa, escolhemos os materiais teóricos sobre o gênero discursivo charge, de acordo com o grau de conhecimento dos alunos da turma escolhida, ou

seja, um 3º ano do Ensino Médio. O primeiro material impresso e entregue aos alunos foi uma charge veiculada no Jornal da Paraíba em meados do ano de 2006, que tematiza a violência na cidade de Campina Grande – PB. A charge é composta apenas pela parte ilustrativa sem aporte verbal, mostrando os três monumentos muito conhecidos da cidade sendo assaltados, o índio, o tropeiro e a catadora de algodão. Após a entrega pedi para que os mesmos traçassem um comentário sobre o que eles entenderam das ilustrações e do gênero, sem mesmo haver uma explicação por parte do pesquisador, para no final da pesquisa confrontar esse primeiro comentário com a atividade final.

Após esse encontro, selecionamos alguns textos explicativos sobre o gênero discursivo em análise, ou seja, a charge. O primeiro texto foi uma seleção feita pelo pesquisador sobre o surgimento de tal gênero como também uma abordagem sobre suas principais características como gênero jornalístico, trazendo sempre alguns exemplos para a discussão.

O segundo texto escolhido foi retirado do livro “Linguagem no século XXI de Heloisa Harue, fazendo parte da coleção do 8º ano do Ensino Fundamental, da editora IBEP. Esse material mostra alguns comentários sobre o gênero charge e traz alguns exemplos com uma análise interpretativa, evidenciando também alguns recortes sobre a caricatura presente no gênero, no capítulo intitulado: Caricatura o espelho que reforma. A escolha desse material se fez, devido aos livros do ensino médio escolhidos pelo pesquisador não contemplarem de maneira qualitativa abordagens sobre o gênero em estudo.

O penúltimo material entregue aos alunos foi dois exemplos de charges retirados do mesmo livro, com uma proposta de análise sobre a estrutura do gênero e uma questão que suscita um comentário técnico dos mesmos sobre o que entenderam da informação traçada na charge.

O último material escolhido pelo pesquisador foi justamente algumas charges retiradas da internet sobre variados temas, e cada uma continha uma proposta para que os alunos escrevessem seus comentários sobre o tema abordado e a informação expressa pelo gênero, a partir de seus conhecimentos sobre tal.

Com esse material surgiu todo o *corpus* de análise e leitura da pesquisa, ou seja, a leitura das leituras dos alunos, abordando o grau de dialogismo presente nos comentários.

1.2.1 Um pouco sobre o Colégio Novo Milênio (CNM)

O Colégio Novo Milênio surgiu há exatamente 12 anos no bairro do Cruzeiro, região sul da cidade de Campina Grande – PB. Faz parte da rede particular de ensino, estando de

acordo com os parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Educação (doravante, MEC) para o seu funcionamento.

O terreno que antigamente era uma antiga lagoa foi comprado pela então diretora Odacy de Andrade, que começou suas atividades como docente dando aulas em colégios situados no mesmo bairro. A mesma, teve a ideia de abrir em sua residência uma escola infantil por nome Centro Educacional Novo Milênio, funcionando apenas o Ensino Infantil. Após alguns anos, com a grande demanda de alunos, precisou ampliar seu estabelecimento, principalmente com novas séries. Com isso, surgiu a oportunidade de comprar o atual terreno e transferir de sua casa o colégio, bem como a implantação do Ensino Fundamental I.

Os anos se passaram e com eles a credibilidade da comunidade com o estabelecimento de ensino. A prova disso foi o número de alunos que aumentava a cada ano letivo. Surgiu então a necessidade de ampliar ainda mais as dependências, com novas salas, piscina, quadra, laboratório de informática e transporte para os alunos, como também a mudança no nome que de Centro Educacional Novo Milênio passou para Colégio Novo Milênio.

Após quatro anos foi implantado o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, só que funcionava apenas com o 1º e 2º ano. Neste ano de 2014 foi implantado o 3º ano do Ensino Médio, pautado no aprendizado dos alunos, tendo como meta principal a preparação para a entrada na universidade e no mercado de trabalho.

O Colégio Novo Milênio funciona hoje, pedagogicamente, com projetos desenvolvidos pelos professores e coordenadores junto com toda comunidade escolar, voltados para o desenvolvimento do aluno como cidadão e como membros da comunidade, enfatizando a concepção de que todos são membros, agentes de mudanças e de transformações social.

1.2.2 Os alunos envolvidos na pesquisa

O número de alunos matriculados na série escolhida é de 8. Esse número se justifica pelo fato de ser a primeira turma do 3º ano do Ensino Médio 2014, como citado anteriormente. Podemos observar que com esse número reduzido facilita desenvolvimento de qualquer pesquisa, pois com isso fica mais fácil para o professor lecionar, e mais fácil para que cada aluno tenha um melhor aproveitamento das aulas.

A turma citada é composta por 2 meninos e 6 meninas, distribuídos na seguinte faixa etária; três alunos nasceram no ano de 1997, ou seja, com 17 anos, dois alunos no ano de

1996, estando com 18 anos, dois alunos no ano de 1998, com 16 anos, e uma aluna que nasceu no ano de 1995, completando os seus 19 anos.

A princípio, podemos inferir que esses alunos, por estarem cursando o 3º ano do Ensino Médio, apresentam um nível de leitura com vantagem referente às outras séries, e que todos, de uma forma ou de outra, buscam um aperfeiçoamento no aprendizado fora do ambiente escolar com leituras prazerosas ou técnicas, como complemento das disciplinas ou como suporte para preencherem seus tempos livres.

Para fins de geração de informações, foi distribuído um questionário sociocultural (que podemos encontrar em apêndice) para diagnosticar o grau de leitura de cada sujeito envolvido na pesquisa. Apresentaremos em seguida essas informações que geraram uma discussão a respeito de tal fato, servindo de dado para nossa análise.

1.2.3 Questionário Sociocultural

Segundo Gil (2008), o questionário pode ser definido como uma técnica de investigação social composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre determinados conhecimentos, crenças, sentimentos, interesses, temores e comportamentos do presente ou do passado.

Podemos ressaltar que um questionário é bastante útil, pois, quando bem elaborado, traz para o pesquisador as informações pertinentes sobre determinado tema. O questionário torna-se um meio eficiente, pois pode interrogar um elevado número de pessoas ao mesmo tempo.

Nesse sentido,

construir um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos do pesquisador e da pesquisa em questões específicas. As respostas irão proporcionar dados e meios para descrever as características da população pesquisada [...]. A linguagem deve ser simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado. (GIL, 2008, p. 120)

O questionário como instrumento de pesquisa é uma maneira de aprimorar os conhecimentos do pesquisador, como citado acima, retratando que a partir das respostas alcançadas surgirá o objeto e seus resultados, esclarecendo os objetivos da pesquisa e a possível busca da análise sobre determinado assunto.

O questionário adotado para esta pesquisa (em apêndice) foi composto por 16 questões, sendo metade questões abertas e metade questões fechadas, compondo assim um tipo de questionário misto, com alternativas gerais e específicas. Inicia com a identificação do aluno, idade, sexo. Algumas questões pediam apenas para o aluno marcar X nas opções escolhidas, outras os mesmos tinham de responder com suas palavras a possível resposta. Foram distribuídos oito questionários, um para cada aluno.

1.2.4 A sequência didática

Construir uma sequência didática nada mais é que estabelecer as metas de desenvolvimento sobre os recursos estabelecidos para se alcançar os objetivos esperados com a ação didática. A sequência desenvolvida, compondo o capítulo três desta pesquisa, se configura nos parâmetros teóricos segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 87) quando ressaltam que “uma sequência didática tem precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa situação de comunicação”.

Ainda que resumidamente, podemos dizer que a sequência didática torna-se um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Com isso, devemos ter em mente o público envolvido e a realidade de cada turma, uma vez que, para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2001, p. 85), as sequências didáticas devem ser realizadas de um projeto de classe elaborado durante a apresentação da situação, pois este torna as atividades de aprendizagem significativas e pertinentes.

Um ponto importante numa sequência é sua mobilidade, pois a cada aula deverá acrescentar ou modificar os métodos e procedimentos de acordo com as necessidades encontradas no momento de sua execução, adaptando-a aos sujeitos envolvidos na aula, que serão a base principal a qual a sequência seguirá. Uma boa elaboração de uma sequência didática servirá, portanto, para dar acesso aos alunos as suas práticas de linguagem, consideradas novas ou que são dificilmente domináveis pelos falantes ouvintes.

Nossa sequência respaldou-se em critérios de análise e leitura do gênero discursivo charge e sua aplicabilidade nas aulas de Língua Portuguesa, com o objetivo de analisar as relações dialógicas estabelecidas pelos alunos quando da leitura de charges.

1.2.4.1 Relatando a intervenção

1º Encontro com a turma (01/04/2014) 01h/a

O primeiro encontro com a turma foi somente para traçar alguns objetivos com os alunos envolvidos, uma vez que seria apenas uma aula, ou seja, 45 minutos. A primeira vista, depois de conversar com a turma os objetivos da pesquisa, foi entregue para os mesmos o questionário sociocultural sobre leitura, para geração de informações a respeito dos hábitos de leitura de cada sujeito envolvido na pesquisa.

Após responderem ao questionário foi entregue a todos uma charge que trazia o tema “violência em Campina Grande”, implicitamente, uma vez que não compunha textos, somente as ilustrações, para que os alunos traçassem seus comentários sobre as ilustrações e o tema, ou seja, o que eles entendiam daquela cena retratada.

Nesse dia de aula todos os oito alunos estavam presentes para a realização da primeira etapa da pesquisa.

2º Encontro com a turma (04/04/2014) 02h/a

No segundo encontro, levei para a turma um material teórico sobre o surgimento do gênero discursivo charge e seu primeiro criador. Sua história de criação como também alguns exemplos de charges.

Pedi para que todos lessem o material e em seguida fariamos uma leitura juntos, em forma de discussão e debate, enfatizando os exemplos, seus temas e sua estrutura. Após a discussão sobre o material, pedi para que os mesmos respondessem por escrito algumas questões referentes às charges, correspondentes a sua estrutura, suas mensagens, as ilustrações e seus objetivos como gênero discursivo.

Para o próximo encontro pedi que os alunos pesquisassem algumas charges e levassem para a aula para possível discussão sobre elas.

3º Encontro com a turma (08/04/2014) 02h/a

No terceiro e último encontro, iniciamos com as apresentações dos exemplos de charges pesquisadas pelos alunos. Cada um falou da sua charge explicando para a turma alguns pontos como; o público alvo, os principais assuntos abordados, as cores, os desenhos e as caricaturas, os personagens envolvidos e os objetivos traçados a partir daqueles temas.

Depois das apresentações, entreguei aos alunos um material sobre charge, teorizando um pouco sobre os aspectos discutidos com dois exemplos de charges e algumas questões para instigar algumas reflexões sobre o gênero.

Após uma breve explanação sobre o material, entreguei para todos os alunos três exemplos de charges para que os mesmos desenvolvessem comentários sobre eles. À medida que iam terminando devolviam os exemplos com os comentários.

A seguir, apresentaremos as discussões teóricas da ADD que subsidiaram nossa pesquisa.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: APONTAMENTOS TEÓRICOS

Conceber a linguagem como sendo essencial para o nosso desenvolvimento social e cognitivo é sem dúvida perceber que a cada momento temos a necessidade de nos comunicarmos e interagirmos no nosso meio social, intelectual e cultural, pois a comunicação e a palavra são instituídas a partir da presença de todo ato de compreensão.

Para Bakhtin/Volochínov (2009),

na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte entre mim e os outros. [...] A palavra é o território comum do leitor e do interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 113)

Com essa citação, podemos ressaltar que o círculo bakhtiniano aborda os interlocutores como seus discursos, suas palavras são marcadas social, ideológica e historicamente, intensificando que a palavra pertence ao interlocutor, que traça seu sentido de acordo com a interação específica de cada sujeito envolvido no ato do discurso.

2.1 A palavra dialógica

A palavra é sem dúvida o resultado da associação de uma forma de sons que procuramos usar para pronunciar um significado, ou seja, uma ideia, visto que já ouvimos ou indireta ou diretamente de outrem. O processo comunicativo estabelece sentido a partir da interação entre os interlocutores, haja vista que a cada instante estamos inventando um novo gênero, de acordo com as nossas necessidades de comunicação e socialização.

Nossas palavras estão cobertas de nossos conceitos ideológicos e esses conceitos são inerentes a todos os seres humanos e transmitidos ao outro de maneira aceitável ou não numa eterna construção de identidades. Ideologicamente, como destaca Oliveira (2013), a linguagem para o círculo bakhtiniano é um lugar de convergência de diferenças, em que a identidade se constrói pela convivência com o outro.

Tudo o que falamos ou escrevemos está diretamente associado ao nosso modo de pensar e agir; e nas nossas palavras estão embutidas de outros discursos já proferidos por outro sujeito, mas, mesmo assim, podemos ressaltar que aquele momento é único e que jamais será repetido. Mesmo que tentamos falar ou escrever da mesma forma, nunca conseguiremos reproduzir do mesmo jeito, pois a cada instante os enunciados se constroem de maneira diferenciada e única.

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vistas e apreciações de outros, se revelando dentro dos nossos enunciados, não havendo, assim, um enunciado único e exclusivo, mas sempre cercado de acabamentos que trazem uma resposta de um ouvinte ou leitor. Sendo assim, podemos dizer que os discursos não estão voltados para a realidade em si, mas para os discursos que os circundam. Toda palavra dialoga com outras palavras, conforme Fiorin (2006).

2.2 A leitura na perspectiva dialógica e a noção de dialogismo

Nas teorias sobre o dialogismo, Bakhtin (2010) resalta a importância de ver nos discursos a presença de tal fenômeno, uma vez que a língua, de maneira geral, em sua totalidade, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica.

A leitura dialógica em um determinado gênero, como podemos citar a charge, traz para o Ensino Médio uma abordagem que aguça do aluno a possibilidade de enxergar as diversas vozes que ecoam no gênero (ALMEIDA, 2013), dando possibilidade de criação e de percepção das informações obtidas através do conhecimento de cada aluno na sua formação como indivíduos que estão numa fase de término da Educação básica, como tratam os documentos oficiais elaborados para o Ensino Médio “Parâmetros Curriculares Nacional para o Ensino Médio” (PCNEM), no (artigo 36), ressaltando que, o Ensino Médio é a etapa final da educação básica, o que concorre para a construção de sua identidade, passando a assegurar a todos os cidadãos a oportunidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental.

A preparação para a vida autônoma fica a cargo das diversas disciplinas que compõem a grade curricular. Como foi explicitado nos capítulos anteriores, nossa pesquisa se verificou no acompanhamento da intervenção em uma classe do 3º ano do Ensino Médio, percebendo-se a necessidade de incorporar como modelo de parâmetros os documentos oficiais (PCNEM), procurando de forma sistematizada, analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionadas ao texto e seus contextos dentro do gênero charge, mediante a sua

natureza, sua função e organização das manifestações de acordo com suas condições de produção e recepção, como prioriza os PCNEM (BRASIL, 2006).

Segundo os PCNEM, a linguagem é considerada como uma capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade, priorizando a razão da linguagem que é a produção de sentido, visto que o estudos com os gêneros do discurso facilitam para a aprendizagem o conhecimento vivo da nossa língua em suas diversas manifestações sociais.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96);

Artigo 35. O Ensino Médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade: I-A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; II-A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III-O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV-A compreensão dos fundamentos científicos, tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 28-29)

Podemos, assim, falar em educação para o aperfeiçoamento crítico do aluno, uma vez que o fortalecimento das bases cognitivas e estruturais do modo de aprender e ensinar, de forma diversificada em contextos de usos, através da análise e da crítica de gêneros discursivos, mostra ao aluno do Ensino Médio que a nossa língua se aprimora e se manifesta nesses tipos textuais, de modo a trazer uma preparação processual de aprendizagem para a vida toda, como cita o artigo 35, para o aprimoramento como pessoas humanas e autônomas na forma de pensar e agir nas diversas situações do nosso cotidiano, como alunos e como futuros profissionais.

O professor de Língua Portuguesa deve dar prioridade como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria interioridade, ao domínio da língua como forma de ampliação de possibilidades de acesso a outras pessoas e a culturas e informações, podendo assim falar em linguagem como uma maneira de interações nas práticas sociais e na história, fazendo com que a circulação de sentidos produza formas sensoriais e sociocognitivas diferenciadas.

Podemos encontrar vários conceitos sobre o dialogismo, mas em todos eles prepondera a concepção de que todo enunciado é, na verdade, um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam como mensagens e que provocam respostas externas ou internas. No dialogismo toda palavra se dirige a alguém e tem seu tema construído na interação, temos sempre o mínimo de dois interlocutores. No entanto, devemos também considerar que todos os enunciados de que participamos vêm de outros enunciados.

O princípio dialógico da linguagem se funda num acontecimento que se apresenta como todo fundamento de uma discursividade, todo enunciado enquanto materialidade abriga um universo de vozes sociais em várias relações de convergências ou divergências, de aceitação ou de recusa.

Para Bakhtin e seu círculo, a língua em sua totalidade, em seu uso concreto e vivo, tem a prioridade de ser dialógica. Essas relações estão presentes nos gêneros do discurso como a charge, que trazem em seus enunciados elementos que não são apenas relações aos fatores internos à língua, mas também numa concepção dialógica dos enunciados, traduzindo os aspectos constitutivos do todo que cria sentidos, pois todo enunciado está sempre ligado a uma atividade humana, e essa atividade está diretamente ligada a atos de um sujeito que tem um lugar na sociedade, ou seja, está sempre em atividade e interação com outros sujeitos.

O preceito dialógico é constitutivo do discurso da linguagem, encontrando-se nos conceitos bakhtinianos:

a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 2010, p. 88)

Como dito anteriormente, a citação acima traduz bem o conceito dialógico da linguagem, possibilitando uma melhor aceitação por parte dos estudiosos, uma vez que o princípio unificado das obras bakhtinianas revelam o aparecimento de vozes proferidas dentro de um mesmo discurso, traduzindo que um enunciado é uma réplica de outro diálogo, cada vez que produzimos um enunciado, na verdade o que se está fazendo é participando de um diálogo com outros discursos.

As teorias sobre o dialogismo trouxeram para o pesquisador da língua uma maneira diferente de enxergar seu funcionamento, uma vez que trata de um objeto vivo e em constante movimento, em processo único de mudança e em transformação, que não altera seu princípio de interação dialógica. O que Bakhtin tinha em mente era poder constituir uma ciência que fosse além da Linguística, examinando o funcionamento real da linguagem em sua unicidade e não somente o sistema virtual que permite esse funcionamento.

Em sentido ideológico, podemos inferir que o grupo de Bakhtin pensa a linguagem como um lugar de convergência de diferenças em que a identidade se constrói pela convivência com a diversidade com o outro, como aponta Oliveira (2013) para quem toda palavra está presente nos atos de compreensão.

2.3 Um olhar para a orquestração de vozes: a polifonia

Outro conceito que permeia a linguagem e os discursos é o princípio polifônico, que se traduz em um mundo de vozes dialogando entre si em constante relação dialógica em enunciados. A polifonia para Bakhtin (2010) é na verdade um tipo de dialogismo, mais especificamente, é a complexa relação entre as vozes do autor e das personagens numa obra; é a “orquestração” dessas vozes.

Como sabemos, todo texto é um objeto heterogêneo, pois se constitui de várias vozes, que fazem lhe dar origem, muitas vezes servem até para haver uma retomada do que já foi dito. Podemos observar nas teorias bakhtinianas que o autor vai sempre citar a polifonia dentro de textos poéticos ou não, como *Os demônios, de Dostoiévski*, tratando que o mesmo expõe na obra as funções do diálogo do outro. Outras obras também são avaliadas com invejável rigor teórico do mesmo autor, *Problemas da poética* e *Os irmãos Karamazovi*, mostrando como a categoria da polifonia é desenvolvida pelo escritor, existindo assim o que Bakhtin chama de “polifonia autêntica”.

O autor do romance polifônica não define as personagens e sua consciência à revelia das próprias personagens, mas deixam que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e à sua frente como “consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusíveis” como a dele, autor. (BEZERRA, 2012, p. 195)

Com esse conceito, podemos perceber que a posição do autor vai claramente caracterizar a polifonia, ou seja, o coro de vozes que permeia os diálogos presentes em cada

texto. Em cada diálogo que proferimos somos atravessados por uma multiplicidade de vozes, assumindo cada uma seu papel de busca ao sujeito responsivo.

A polifonia não podia deixar de ser vista dentro de textos discursivos presentes nas charges, uma vez que esse gênero traz consigo uma gama de vozes que se popularizam na recepção e nos diálogos internos e externos, fundindo-se com as intenções do próprio autor, escritor, na busca de resultados e conflitos já existentes. Nesse sentido, o texto passa a ser um ponto central na busca de aprendizagem e no processo de ensino da língua materna.

No texto que se manifesta a polifonia há um acionamento que permite aos interlocutores escutar e ecoar as diferentes vozes, refletindo para o outro suas maneiras diversas de proferir um mesmo enunciado, pautado em discursos já ditos.

2.4 A ironia dialógica

No que confere a ironia numa perspectiva dialógica, ressaltamos os conceitos de Brait (2008), enfatizando dois tipos de ironia, a ironia verbal e a referencial, cada uma com sua especificidade. A primeira, “ironia verbal”, implica um trio actancial: o locutor dirige o discurso irônico para um receptor e este vai caçoar de um terceiro, que é o alvo da ironia. A “ironia referencial” vai existir quando acontece uma contradição diante de dois fatos contíguos, envolvendo o mesmo sujeito. A respeito dessa informação podemos apresentar a seguinte citação:

o termo “ironia”, predicando normalmente a propósito de um objeto verbal e denotando uma figura retórica, encontra-se aqui [ironia referencial] utilizada para descrever um fenômeno de ordem referencial: ele não é o único a sofrer essa transferência de emprego, assim designa-se perfeitamente como metáfora a semelhança de dois objetos, como metonímia sua contiguidade espacial ou temporal; diz-se das coisas que elas rimam, dos acontecimentos que eles formam “quiasmo” etc. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1988, p. 17)

A ironia como figura de linguagem caracteriza-se pelo fato de estabelecer numa relação de contrariedade no ato do enunciado. No gênero discursivo charge uma de suas características marcantes é justamente o uso da ironia junto com o humor, uma vez que ambos têm conceitos diferenciados, mas que, juntos, formam o humor irônico.

Reconhece-se uma afirmação irônica quando o sentido daquilo que se afirma inverte-se em função do contexto ou da situação que a gerou. Então, diante disso, é de grande

importância para a completude do entendimento dos discursos proferidos o indivíduo leitor se apropriar de seus conhecimentos de mundo para desvendar o que a ironia traduz.

Como a charge é o nosso gênero discursivo que fez gerar os comentários para análise, pode-se afirmar que a ironia no humor gráfico produz-se quando o valor de verdade de uma afirmação visual ou verbal se inverte pela relação que se estabelece com suas circunstâncias: personagens, lugar, época ou momento do acontecimento.

A ironia dentro de uma perspectiva linguística se configura numa espécie de texto cômico expressivo, que causa riso como uma construção de entendimento da linguagem. Denise Jardon (1988) estabelece uma tipologia que inclui a ironia, a sátira, o humor e a paródia como fazendo parte do que ela chama de “tipos de discursos cômicos”, com base numa perspectiva que privilegia a abordagem linguística, bem como o fato de esses tipos de discursos estarem ligados ao riso.

Percebemos na ironia uma espécie de jogo proposital do dito e do não dito, que estabelece uma relação de contiguidade perante o leitor para alcançar os sinais contextuais dentro de um determinado tema, que geralmente é de cunho coletivo.

A linguagem em si é rica de artifícios que fazem com que os interlocutores produzam efeitos de sentido dentro dos enunciados escritos ou falados, usando a ironia como um desses artifícios para estimular a reflexão sobre um episódio que esteja socialmente em pauta, estabelecendo com o interlocutor um sentido que não deixa de ser ambíguo para abrir possibilidades para novas leituras de um mesmo fato.

2.5 Entendendo a concepção de enunciado concreto

A noção de enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva apresenta-se nas teorias bakhtinianas como um produto da enunciação, visto que a cada instante são produzidos enunciados de acordo com todo contexto de uso, tornando-os momentos únicos e cobertos de inferências de outros enunciados, a partir dos vínculos ideológicos, sociais, de tempo e de espaço, contidos na enunciação.

O enunciado concreto se faz nos gêneros discursivos com a apreciação do “todo”, pela parte verbal e não verbal, como nas charges, e do contexto formado pela circulação e a recepção da mensagem. Brait (2012), falando sobre enunciados, ressalta que

grosso modo, é possível dizer que enunciado, em certas teorias, equivale a frase ou a sequência frasais. Em outras, entretanto, que assume um ponto de vista pragmático, o termo e consequentemente o conceito por ele gerado são

utilizados em oposição à frase, unidade entendida como modelo, como uma sequência de palavras organizadas segundo a sintaxe e, portanto, passível de ser analisada “fora de contexto”. (BRAIT, 2012, p. 63)

Com esse conceito, podemos dizer que, a análise de um enunciado, vai além dos objetos extralinguísticos. É totalmente concebido como unidade de comunicação, a depender de seu contexto, se diferenciando do conceito de frase e de enunciação.

Os enunciados estabelecem uma ligação direta com as atividades de interação humana, apontando em seus termos o sujeito que se enuncia como também para quem ele enuncia, ou seja, os interlocutores envolvidos no discurso, uma vez que sempre nas nossas elocuições estamos nos dirigindo a alguém, para obtenção de um determinado objetivo.

O termo “enunciado”, segundo o dicionário Cegalla (2005), de língua portuguesa, “é a dimensão material de um texto, as palavras, as frases”, e no caso dos textos escritos temos a própria mensagem, como também nas charges, temos, os desenhos, as fotos, etc. linguisticamente, é um segmento ou todo de um discurso oral ou escrito.

Voloshinov (1976) assegura que os enunciados concretos emergem sempre num contexto cultural, semântico, e que não existem enunciados neutros. A partir das teorias linguísticas, pode-se conceber que nos enunciados concretos não se tem limites como unidade de comunicação, pois quem define a alternância de valores é justamente a troca de discursos entre os sujeitos. Desse modo, os discursos circulam e atuam socialmente.

Assim, os textos discursivos contidos nas charges são partes de uma interação entre várias locuções que estão presentes em discursos sociais, materializando-se em uma comunicação discursiva. Em termos ideológicos, refletem as identidades dos sujeitos envolvidos. Todo enunciado pode obter diferentes interpretações, vai depender da perspectiva da situação e do momento da interação que será construído, de acordo com grau de conhecimento de cada ouvinte/leitor/destinatário, formando, para tanto, o todo significativo.

2.6 Os gêneros do discurso

Passando para as discussões sobre os gêneros do discurso, dando ênfase ao gênero abordado nessa pesquisa, a charge, podemos em primeiras linhas fazer um breve apanhado histórico, destacando sobre os gêneros do discurso (doravante, GD), que ganharam destaque no Brasil com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no final da década de 90.

Os gêneros do discurso, para Bakhtin (2010), são tipos relativamente estáveis de enunciados, ou seja, na sua análise e construção é preciso estabelecer sua relação com a historicidade, seu momento de construção e interação. O conceito que mais aparece nas obras bakhtinianas sobre GD é o seguinte:

o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional [...] estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado. [...] evidentemente, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2010, p. 261)

A partir desse direcionamento, percebemos que os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis, dando ênfase a sua construção composicional, que está relacionado ao seu modo de organização, sua estrutura, obedecendo a uma relação de interlocução. Já em se tratando do estilo, temos em evidência a seleção dos recursos linguísticos, ou seja, as frases gramaticais e sua compreensão ativa do enunciado que está sendo proferido.

O que mais inquieta alguns professores de língua materna é a indagação de como trabalhar os gêneros discursivos na sala de aula. Um passo eficaz dessa pesquisa é justamente trazer para o leitor – possível professor – uma possibilidade de trabalhar o gênero charge na sala de aula, de qualquer série, visto que é um gênero que traz para o leitor uma forma humorística de aprender a analisar e escrever sobre determinados temas.

Podemos ressaltar que uma tarefa crucial para trabalhar com os GD é procurar conhecer, de fato, como eles se processam e se articulam nas esferas sociais, visto que, a cada instante, são criados novos gêneros, cada um com sua especificidade, dentro de cada situação de comunicação, na construção de enunciados.

Nas instituições de ensino, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, o professor que for trabalhar com os gêneros numa perspectiva discursiva, deverá não apenas identificar os gêneros e sua estrutura, mas procurar instaurar o aluno dentro de cada gênero e de cada esfera de comunicação, tendo em mente que todos nós, como seres socialmente em construção, estamos em contato direto com os gêneros, como sujeitos, como interlocutores.

Os estudos sobre os gêneros do discurso em Bakhtin tiveram grande respaldo no que se refere ao processo dialógico comunicativo, pois são processos do uso real da linguagem, da

comunicação fundada na palavra e na pluralidade de signos presentes em cada cultura, isto é, funcionam como um terreno fértil para se investir em ações didáticas que se aproximam de uma perspectiva de ensino de língua vinculada a sua natureza de prática social, de atividade viva e concreta de uso linguístico.

No próximo capítulo abordaremos o relato das intervenções feitas nesta pesquisa-ação.

CAPITULO III

A EXPERIÊNCIA DIDÁTICA DIALOGICAMENTE VIVENCIADA

Neste capítulo traçamos alguns comentários sobre o gênero charge, um pouco sobre sua história de criação ou seu surgimento. Ainda apresentaremos a sequência didática que norteou a nossa ação didática junto aos alunos do 3º ano do Ensino Médio, como também os resultados das leituras desenvolvidas pelos mesmos em forma de comentários à luz da teoria do dialogismo bakhtiniano.

Podemos ressaltar que a leitura como prática social leva o aluno a refletir sobre suas capacidades de aprendizagens e sua busca pela consciência do uso eficaz daquilo que aprende na sala de aula, pois ler é uma atividade que leva o leitor a outros mundos, pela leitura, reconhecemo-nos parte da humanidade, integramo-nos como sujeitos coletivos e sociais.

Procuramos desenvolver as análises das leituras dos alunos a partir de três níveis de conhecimento dialógico, nível bom, regular e satisfatório, estabelecendo uma relação entre a leitura das charges por eles e sua progressão no ato de escrever comentários sobre o que entenderam dos discursos presentes nas charges, dos enunciados e dos objetivos traçados pelo gênero em questão.

3.1 O gênero charge e sua aplicabilidade na sala de aula

Partindo do princípio de que precisamos nos comunicar, surgem todos os dias gêneros escritos e orais que traduzem nossa capacidade de comunicação. Alguns desses gêneros agregam características próprias, principalmente aqueles que trazem consigo uma certa dose de crítica social. Nesses gêneros, são retratados argumentos críticos e humorísticos para aproximar o leitor dos fatos da realidade vigente.

Segundo Minois (2003, p. 45), através do riso pode-se aparecer o cômico embutido, pois afirma que “o riso esconde mistérios, às vezes, agressivo, sarcástico, argélico, tomando a forma de ironia, do humor, do burlesco e do grotesco. O riso é multiforme e ambíguo, expressa tanto a alegria para quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia”.

Tomemos esses trechos, comparando-os ao gênero discursivo em estudo “charge”, que através do riso e da ironia mostra-se também como uma crítica burlesca, efetuando ao gênero representações políticas, fatos e acontecimentos sociais que servem para afirmar ou subverter a realidade.

A charge é um gênero discursivo que circula diariamente no meio social (gênero multimodal), predominando uma linguagem verbal e a uma linguagem não verbal, numa espécie de combinação entre o humor e a ironia, que juntos dão sentido ao enunciado. Como ressalta Nascimento (2010, p. 74):

o humor e a ironia nesse gênero veiculam de maneira implícita ou sob viés da polifonia, ou seja, através de informações sugeridas ou de manipulações diferentes pontos de vista que geralmente se contradizem e são, por sua vez, ironizadas no interior do texto.

Exemplos de charges:



Fonte: www.humortadela.com.br Acesso em 12/02/2014

As charges citadas como exemplos mostram temas que estão em evidência nos jornais da atualidade, “Copa do mundo” e “Violência”. Nesses exemplos, podemos observar as características do gênero ditas acima, ou seja, as características apontadas ao gênero que lhes são perceptíveis.

No contexto do ensino-aprendizagem de língua materna, para uma compreensão mais eficaz aos alunos, é preferível trabalhar com charges que abordam assuntos locais, visto que assim poderá acontecer uma retomada de experiência quanto ao tema abordado numa discussão ou debate sobre os acontecimentos mostrados tanto da própria região ou de cunho nacional.

As caricaturas postadas nas charges trazem consigo uma gama de informações, pois, a partir das ilustrações, os alunos inferem, logo de imediato, qual o assunto abordado pela charge. Segundo Mendonça (2002, p. 197),

em geral, a caricatura, deformação das características de uma pessoa, animal, coisa, ou fato, podem ser usadas como ilustração de uma matéria, mas quando esse fato pode ser contado interiormente numa forma gráfica, é chamado de charge. A charge envelhece como a notícia.

Com esse conceito citado por Mendonça (2002), podemos dizer que a charge está em plena comunicação com o gênero notícia, pois a charge precisa se alimentar de novos acontecimentos sociais e, ao passar dos tempos, com novos acontecimentos, ela também vai tornando-se obsoleta.

A charge como gênero é muito importante para ser utilizada na sala de aula e pode ser um estudo muito eficaz para trazer para as aulas discussões sobre acontecimentos do dia-a-dia que estão em repercussão socialmente, fazendo os alunos refletirem sobre esses acontecimentos.

Nos diálogos das charges encontramos muitas vozes de origens diversas, revelando seu eco de comunicação, como forma de apresentar uma visão crítica dos acontecimentos vigentes, mostrando em seus enunciados certas posições ideológicas. Diferentemente dos quadrinhos e das tirinhas, mas necessitando das mesmas habilidades, a leitura de charges na sala de aula exige maior trabalho por parte dos estudantes, já que esse tipo de texto requer um conhecimento de atualidades, de associações de imagem com personagens da vida pública, principalmente políticas (ALMEIDA, 2013).

Como sabemos, os gêneros evoluem a partir da necessidade de comunicação social de cada indivíduo: a charge, como gênero discursivo, teve sua evolução junto aos meios digitais, surgindo assim a charge virtual (CV), uma evolução do gênero escrito.

Mantendo a mesma tendência da charge escrita, a virtual traz consigo uma dinamicidade e plasticidade que marca o gênero. Uma mudança que ressaltamos é a presença da interatividade entre os leitores, que manipulam o movimento da CV, pois as mesmas abusam de instrumentos digitais como sons, expressões faciais e gestos, que juntos marcam o melhor entendimento da mensagem junto ao leitor que se transforma num telespectador. Para Souza (2008, p. 63), os elementos e recursos multimodais empregados

nas CV servirão como uma ferramenta importante para a construção da relação intertextual, pelo som que aparece como música de fundo como animação que permite maior contato com os personagens e pela luz transmitida que causa um efeito de aparência viva: juntos traduzem o melhor entendimento do discurso que o gênero convoca em dada situação de específica de comunicação social.

A charge é essencialmente crítica e tem um caráter efêmero, pois retrata o momento em que é produzida. Nesse gênero não há a obrigatoriedade de informações verbais, mas, quando houver, é fundamental que se faça a associação do verbal com o não verbal. A presença do humor também não é essencial, já que o foco é a crítica, na maioria das vezes de caráter político, explorando algo que choca a sociedade. É importante o reconhecimento imediato dos personagens, além do assunto polemizado.

Partindo do princípio de que todo texto pode gerar discussões, podemos, em primeiro plano, apresentar aos alunos o gênero em questão para que os mesmos tracem comentários verbalmente sobre o que acham das ilustrações, partindo dos desenhos para as frases.

O intuito maior nas aulas com o gênero charge será analisar as inferências dos alunos sobre os assuntos mostrados, fazendo com que eles busquem seus conhecimentos prévios sobre os temas, para, posteriormente, poderem produzir algo relacionado ao dito e ao não dito.

Trabalhar com charges na sala de aula pode tornar as aulas de Língua Portuguesa em momentos prazerosos de discussão, leituras, análises e produção. O interdiscurso presente no gênero é importante para focar dentro das ilustrações os conceitos de sujeito, discurso e dialogismo que estão presentes nas abordagens que formam o todo significativo, ou seja, o enunciado.

Podemos tomar como pressupostos a partir de que dentro dos discursos das charges, perpassam outras vozes que serão reconhecidas com as inferências dos alunos e sua análise como gênero discursivo. Com isso, os comentários dos alunos refletirão outros conhecimentos já adquiridos e cristalizados sobre os temas, numa espécie de diálogo já existente devido ao grau de conhecimento de cada um.

Uma parte fundamental nos estudos com charge será focar os suportes onde podemos encontrar o gênero, os temas mais abordados e quais os objetivos que o todo que forma a charge pretende alcançar. Oliveira (2013) elucida que os textos chargistas constituem, por isso, uma memória social, sem a qual não poderia haver história, que só se constitui pelo discurso e ainda merece destaque a imprescindível relação do fato histórico com o texto chargista.

Segundo Guimarães (1999):

um texto, na perspectiva da progressão temática, pode ser considerado um complexo de elementos nele introduzidos, que pertencem à raia de conhecimento partilhado pelo emissor e receptor desse texto; concomitantemente, nele se introduzem conhecimentos novos que, integrados aos já conhecidos, alinham-se em blocos comunicativos sustentando a progressão temática. Com efeito, os elementos cognitivos pressupostos pelo conhecimento que o emissor e o receptor já tem do mundo, ou por informações, facilita a captar o texto num plano abstrato, do ponto de vista semântico. (GUIMARÃES, 1999, p. 132)

Com esse comentário de Guimarães (1999), fica evidente que o estudo com o gênero charge na sala de aula aproxima a compreensão dos alunos da realidade que eles já conhecem, e a partir de seus conhecimentos prévios podem evoluir em suas construções textuais, fazendo com que os mesmos aprendam mais e aumentem seus conhecimentos, junto às reflexões que sistematizam o que querem escrever sobre determinado assunto, a partir do que já sabem e conhecem, partindo dos acontecimentos do dia-a-dia, como os fatos sociais, aumentando a sua capacidade de informatividade e seu universo vocabular no momento de produzir um texto seja escrito ou oral.

3.2 Descrevendo a Sequência Didática

Segundo Dolz e Schneuwly (1998), ensinar consiste em transformar os modos de pensar de falar, de fazer, com o auxílio de signos, ou seja, instrumentos mediadores e também de ferramentas que possibilitem a semiotização do objeto de saber para a sala de aula. Uma das funções das ferramentas ou dos instrumentos utilizados pelo professor é auxiliar o processo de transposição didática, isto é, na passagem/transformação dos saberes científicos para os saberes escolares, como também levar à apropriação de um determinado conteúdo.

A atividade do professor é uma atividade mediada por objetos ou ferramentas que auxiliam o seu agir. A sequência didática nesse contexto é vista como um instrumento discursivo que, nas ações discursivas do professor, abarca os instrumentos materiais como texto, folhas, projetos, esquemas, como também os discursivos que são as aplicações orais, sessões reflexivas, os debates, os seminários etc.

A sequência didática foi introduzida pelos pesquisadores do grupo de Genebra (formado por pesquisadores da Escola de Genebra, dentre os quais podemos citar Jean Paul Bronkard, Bernard Scheneuwly, Joaquim Dolz, dentre outros). Seus integrantes se ocuparam em pesquisar tanto sobre a constituição do Interacionismo Sociodiscursivo, como a sua aplicação no ensino de Francês como língua materna.

O objetivo de uma sequência didática é levar os alunos a se apropriarem e constituírem uma prática de linguagem sócio-historicamente construída, por meio das práticas de linguagem materializadas nos gêneros.

Para elaborar uma sequência didática, os estudiosos genebrinos aconselham levarmos em conta que o objeto de trabalho escolar é a atividade de linguagem situada, relacionada a um determinado gênero, em uma situação de comunicação específica. A sequência didática deve ser um diagnóstico realizado com a turma, no intuito de observar quais capacidades dominam, ou não, em relação àquela prática social. Os exercícios devem levar em consideração as capacidades de linguagem, por meio de atividades diversificadas e procurar abordar o gênero em diferentes aspectos (contexto de produção, leitura etc).

A seguir, apresentamos a sequência que organizou a pesquisa-ação empreendida.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

TEMA: Leitura de charges: o humor como crítica social

OBJETIVOS:

Ampliar o universo intelectual do aluno, aprimorando seus comentários acerca de temas do nosso cotidiano, transformando-os em cidadãos críticos e capazes de traçar comentários coerentes na escrita ou na oralidade.

Observar o grau de informatividade dialógica, através da leitura dos comentários dos alunos.

Desenvolver o espírito crítico social dos alunos, procurando que eles estabeleçam uma relação funcional daquilo que aprendem na sala de aula com o seu universo real e social, familiar e educativo.

CONTEÚDOS:

Prática de leitura e escrita

Análise do gênero discursivo charge

TURMA:

3º ano do Ensino Médio

TEMPO ESTIMADO:

Cinco aulas (uma semana)

MATERIAL DIDÁTICO:

Teoria sobre Charge, exemplos de charges, material explicativo sobre o gênero, atividade de leitura materializada na escrita de comentários sobre as charges trabalhadas.

DESENVOLVIMENTO:

1ª ETAPA:

Será distribuído para os alunos material explicativo sobre o gênero charge, com alguns exemplos.

Apresentar aos alunos os objetivos da leitura e do entendimento de tal gênero, explicação sobre as características da charge, sua estrutura, seus autores, seu público alvo e o que pretendem alcançar com o humor e a crítica, ou seja, seus objetivos.

Teoria sobre charges e pequeno texto sobre ironia e humor nos textos críticos jornalísticos.

Sugerir aos alunos que pesquisem alguns exemplos de charges e onde podemos encontrar esses textos com mais frequência e seus principais temas.

Ao final da aula promover os seguintes questionamentos:

- A) Quais figuras públicas mais aparecem nas charges?
- B) Que acontecimentos são retratados nas charges?
- C) O que significa as figuras e os desenhos nas charges?
- D) Qual a crítica e o humor das charges retratadas?

2ª ETAPA:

Leitura individual das pesquisas feitas pelos alunos, apresentação das charges identificando nos exemplos as perguntas feitas anteriormente.

Estimular os alunos a refletirem sobre os temas abordados nas charges.

Apresentar mais dois exemplos de charges e questionar:

- 1) O que a parte verbal quer dizer?
- 2) Vocês concordam com elas?
- 3) O tema abordado dessa forma causa riso?
- 4) As charges servem para denunciar ou criticar a política sobre a opinião pública?

3ª ETAPA:

Entregar aos alunos dois exemplos de charges, cada uma com um tema diferente.

Propor que cada um escreva comentários sobre os temas abordados, estimulando a responderem nos seus comentários as seguintes questões: Você consegue identificar os personagens envolvidos nas charges? Qual o período retratado? Quais os elementos que compõem a charge? As críticas são endereçadas a quem ou a quê?

Enquanto os alunos escrevem, observar a reação de cada um, se eles conversam entre si, ou se procuram pesquisar em algum material as características do gênero, a forma como estão escrevendo, ou seja, rápido ou devagar, se estão ansiosos e se estão com dificuldades em escrever.

Após o tempo estimado, recolher os comentários escritos para constituição do objeto de estudo que configura o *corpus* de análise desta pesquisa-ação.

ANÁLISE DAS LEITURAS:

Os alunos não foram avaliados para fins de notas ou conceitos. Sua participação será para uma análise das suas leituras sobre os temas trazidos nas charges. O desenvolvimento dos mesmos será de extrema importância para obtenção dos resultados da pesquisa através das leituras dialógicas de seus comentários. Vale salientar que, apesar de estarmos trabalhando com comentários escritos, a escrita não se constitui como objeto de estudo desta pesquisa, haja vista nosso enfoque residir na leitura das leituras que os alunos realizaram das charges. Portanto, o papel da escrita nesta intervenção recai na possibilidade, unicamente, de registrar as leituras feitas.

3.3 Leituras dialógicas nos comentários dos alunos

O processo comunicativo se concretiza a partir da interação entre dois indivíduos, pois, para o Círculo, o enunciado pertence também ao interlocutor e, com esse

posicionamento, o enunciado se completa no outro. Trata-se, portanto, da noção de incabamento verbal em que o eu, para se completar, precisa, constitutivamente, do outro.

Para Bakhtin (2010, p. 71), a linguagem é entendida como uma prática social, constituída da realidade social como discurso. Com esse conceito, podemos inferir que nossos discursos estão repletos do que somos e do que nos permitimos nos compreender, um reflexo de tudo que aprendemos ideologicamente e socialmente. Compreender uma enunciação é encontrar o lugar adequado do contexto correspondente, como diz Bakhtin, quando ressalta em suas teorias que todo texto é formado por uma infinidade de mosaicos de citações, influências e vozes históricas.

É justamente a partir dessas concepções teóricas que foi desenvolvida nossa pesquisa, estabelecendo nos comentários produzidos pelos alunos a interação dialógica que permeia suas vozes na escrita, refletindo o que está além daquilo do que cada um escreve, ou seja, as vozes que permeiam os implícitos e constituem o processo dialógico da linguagem.

Para o melhor aproveitamento dos dados, foram escolhidos entre os comentários, dois alunos, sendo um do sexo masculino e outro do sexo feminino, e cada um com três comentários, tendo como critério de escolha, a qualidade de suas leituras das charges, e seu nível de desenvolvimento tido como satisfatório, visto que, será comparado o primeiro comentário com os demais, para analisarmos o grau de desenvolvimento dialógico no processo da intervenção. O primeiro comentário foi traçado sem nenhuma informação do pesquisador, e os demais após as aulas sobre o gênero charge, e comentários dos temas escolhidos.

A título de preservar os nomes dos sujeitos envolvidos, serão escolhidas algumas letras para cada aluno, como por exemplo, o aluno se chamará ES e a aluna TS.

Análise e evolução dialógica nos comentários do aluno “ES”

1º Comentário

Como foi dito anteriormente, a primeira charge entregue sem qualquer comentário do pesquisador, foi uma charge do chargista “Lila”, que trabalha construindo esse tipo de texto para um jornal renomado no estado. A charge entregue circulou numa revista especializada no assunto, com o nome de “*Vale a pena rir de novo*” do mesmo autor, na sua primeira edição do ano de 2003.

A charge (anexo 2) retrata a violência em Campina Grande – PB, sendo mostrada, sem compor texto verbal, de forma irônica e divertida, na qual os três monumentos mais famosos da cidade estão sendo assaltados.

O aluno ES vai muito além do esperado ao criar um título para a charge “*O crime organizado na moderna sociedade capitalista e o fim deste, numa ampla visão municipal e mundial*”. Podemos ressaltar que o aluno vai trazer para o seu comentário uma visão mais ampla da violência, quando coloca as palavras “*sociedade capitalista*” e “*mundial*”, mostrando seu conhecimento estruturado sobre os acontecimentos mundiais como o capitalismo que é uma forma organizacional de sociedade que preza o consumo desenfreado e a valorização do capital. Para Bakhtin (2010), a linguagem é “*interação verbal*” e é através da enunciação que desenvolve as situações dialógicas, uma junção do material linguístico com o social. Dessa forma, o aluno traz para o seu discurso uma maneira dialógica de expor o que aprendeu nos livros didáticos, principalmente nos de Geografia e História, que retratam em vários capítulos sobre o tema capitalismo.

Ao iniciar o seu comentário, o aluno ES traz na primeira linha a palavra “*artigo*”, revelando assim que sem dúvida o mesmo sabe diferenciar os gêneros discursivos e a estrutura de um artigo científico.

Na terceira linha do comentário do mesmo, encontramos uma marca muito importante do conhecimento sobre o tema violência, num sentido mais abrangente, quando traz os termos “*primeira guerra mundial*”, trazendo para o seu discurso a lembrança da maior violência proporcional de todos os tempos que se expande com as guerras, principalmente numa proporção global, pois a concepção de linguagem, na perspectiva bakhtiniana, não pode ser compreendida sem que se leve em consideração os aspectos sociais envolvidos nela.

O aluno logo sinaliza a cidade que a crítica retrata “*Campina Grande*”, uma vez que reconhece os monumentos mostrados, ficando evidente que é de grande importância trabalhar de início com charges que circulam em âmbito regional para depois seguir aos temas nacionais e mundiais. Isso foi evidenciado na quinta linha do comentário de ES, quando o mesmo cita nome da cidade.

Na linha 25 (Ver anexo 2) foi mostrado pelo aluno um tipo de visão de mundo o qual estamos acostumados a ver, seguindo aquele velho clichê onde prevalece a lei do mais forte, ou dos ricos, pois o mesmo traz para seu discurso uma amostragem de que as minorias não têm vez nesse mundo capitalista e violento “*então só são detidos os que têm pouca condição*”, ou seja, esse discurso é proferido há muito tempo, veiculado nos meios de

comunicação em massa e nas classes menos favorecidas de que a lei só é para os pobres, quando o mesmo cita a palavra “raça-negra”, enfatizando as vozes que ecoam com o intuito de manifestar as autoridades sobre a nossa lei que está totalmente ultrapassada e falida. O aluno ES manifesta um discurso de sua ideologia como sujeito que lê e estuda as manifestações e convoca as vozes de outros membros da nossa sociedade, enfatizando o que Bakhtin chama de voz socialmente marcada pelo horizonte social de uma época.

Na linha 36, o aluno destaca um índice proferido pela BBC (canal de televisão americano) sobre os índices de violência nas cidades do interior do Brasil, destacando Campina Grande como a 26ª posição, demonstrando assim que os discursos de valor a partir de modelos conceituados ficam gravados na memória do ouvinte e servem de exemplos para serem proferidos em discursos únicos e singulares, como uma forma concreta de enunciação, pois, por trás dessas pesquisas, há uma gama ideológica muito forte que reflete a intenção dos locutores.

Verificamos nas últimas linhas (linha 38) do primeiro comentário de ES, uma voz que o denuncia como um ser religioso “*mas a bíblia fornece uma solução*” fazendo parte de um contexto interativo e educacional, voltado para os preceitos da sua religiosidade tida como fonte de verdade absoluta, mostrando que no signo ideológico se configura o signo linguístico, para Bakhtin/Volochínov (2009), a linguagem é, necessariamente, fruto das relações do eu com o outro, portanto, o outro exerce papel fundamental nesse processo, uma vez que esses discursos são utilizados em locais de interação social, como reuniões em igrejas e associações.

Apesar de não ter informações do pesquisador sobre o tema podemos dizer que o aluno soube muito bem manifestar seus comentários sobre o assunto abordado. Por outro lado, em momento algum ele citou algo sobre as características do gênero visto, “charge”, nem mesmo algumas de suas características como gênero que expressa crítica e humor, o que é justificado pela ausência de orientação prévia do pesquisador.

2º Comentário

Na segunda proposta, quando já tínhamos visto e analisado um material sobre o gênero discursivo charge, bem como seu discurso como gênero da esfera jornalística (em anexo 2), foi proposto aos alunos que escrevessem um comentário sobre uma charge com o tema “*Lan house na China*”, que foi postada na Folha de S. Paulo, no dia 17/01/2010. Junto com a charge estava uma pequena matéria sobre o assunto criticado com o tema “*Google faz*

ameaça de encerrar suas atividades na China”, escrita para o mesmo jornal na data de 13/01/2010 (em anexo 2).

A nossa expectativa seria que os sujeitos envolvidos na pesquisa, a partir das informações obtidas no material teórico, traçassem seus comentários, enfocando o gênero em questão, uma vez que foi observado pelo pesquisador que todos os alunos, ao lerem e discutirem as informações entregues ficaram surpresos e sentiram a necessidade de escrever mais no primeiro comentário.

O aluno ES teve grande evolução no segundo comentário, pois, com suas palavras, podemos observar que toda sua construção está pautada no estilo de vida que o mesmo segue, dando margem a lembrarmos do seu primeiro comentário. Segundo Bakhtin/Volochinov (2009), o sujeito social adquire um processo de audição e compreensão das palavras dos falantes, preparando-a, modificando-a e aplicando-a a seu modo, de maneira que essa voz ecoa seu modo de vida e seu jeito de pensar socialmente. Esse conceito se concretiza graficamente, quando o aluno ES fala sobre “*Países Socialistas*” no título e contextualiza seu comentário sobre o assunto pedido a partir de seu conhecimento a respeito do assunto.

No primeiro parágrafo, observamos que são postas explicações sobre o Capitalismo e sobre o Socialismo, que de certa forma, para ES, influenciam os acontecimentos sociais e pessoais de cada indivíduo de um país, quando cita que “*A china hoje é considerado um país socialista, mas mesmo assim tem grandes indústrias, e é um país que costuma ter trabalho escravo nas indústrias*” (3º linha), evidenciando, assim, o grau de informatividade do aluno, a respeito da diferença entre “*Socialismo e Capitalismo*”, transformando seu discurso em momentos únicos e irrepetíveis, capturados a partir de discursos alheios.

O nível dialógico no comentário do aluno foi mais satisfatório quando no terceiro parágrafo observa e escreve sobre o suporte que carrega a charge “*o jornal Folha de São Paulo*”, e a palavra “*crítica*”, que retrata uma das principais características do gênero discursivo charge, e que não foi citado no primeiro comentário, pois o mesmo usou o diálogo das explicações do pesquisador no segundo encontro com a turma – eis um bom exemplo de relações dialógicas estabelecidas no contexto de ensino-aprendizagem.

A parte visual da charge foi mais aproveitada pelo aluno, revelando sua interatividade ao observar que símbolos ideológicos fazem parte de nossas interpretações para melhor compreendermos os discursos, uma vez que Faraco (2009, p. 49) cita que a identificação do ideológico constrói a filosofia da cultura, a criação ideológica é sempre social e histórica, se configurando em objetos dotados de materialidades, são partes concretas e totalmente

objetivas da realidade prática dos seres humanos. O fragmento “*o muro simboliza o encerramento das atividades do Google na China*” citado pelo aluno dialogicamente representa “as muralhas da China” que, de certa forma, encerravam os movimentos dos invasores que planejavam tomar o país como território.

No último parágrafo, o aluno sintetiza o tema com esse comentário: “*se encerrar as atividades de uma grande empresa como o Google fosse a solução, países como os EUA, estavam sem o Google, população prejudicada critica...*”. A partir dele observamos que o aluno se apropria de outras vozes, quando infere sobre: 1) a empresa Google, sendo considerada hoje a empresa mais rica do mundo, 2) quando cita outro país capitalista, que são os EUA, e 3) quando sinaliza mais uma vez a principal característica da charge que é a crítica social, impondo que o gênero é na verdade a voz de um povo que se sente prejudicado com movimentos sociais. Para Bakhtin/Volochínov (2009), a palavra é o modo mais puro e sensível da relação social, se configurando em relações dialógicas entre outros enunciados já concretizados.

Dessa forma, podemos enfatizar que o nível dialógico do segundo comentário foi bem mais visível e o aluno mostrou uma evolução satisfatória no ato de comentar sobre um determinado assunto, corroborando a assertiva de que o diálogo tem uma significação social positiva, que remete a uma solução de conflitos, na busca de entendimentos sobre o que dizer e para que dizer, pois, a partir do momento que ouvimos outros discursos, formamos os nossos, nos dando segurança na hora de produzir nossos comentários na escrita ou na oralidade, obedecendo a um determinado contexto.

3º Comentário

Na terceira proposta foi entregue quatro exemplos de charges com temas diversos (em anexo 2), e cada aluno podia escolher qualquer tema para a elaboração do seu comentário, como também o número de comentários ficou a critério do mesmo.

A charge escolhida pelo aluno (em anexo 2) foi um tema que circulou nacionalmente nas variadas esferas midiáticas “O rato na Coca cola”, que chegou a apavorar milhões de amantes do refrigerante. Só que na charge, em vez de rato na coca, foi encontrado uma cabeça de político, e o comentário crítico era feito por dois ratos, num jogo de sentidos críticos e humorísticos, visuais e verbais.

O aluno ES escolheu como título de seu comentário “*A ladroagem na política*”. Dessa maneira, podemos perceber em seu comentário outras vozes pautadas na busca de discussões motivadas pelos assuntos abordados. Os discursos proferidos pelo aluno mostram que, de

uma certa forma, refletimos nas nossas palavras aquilo que achamos ou não dos acontecimentos sociais. Através da linguagem expressamos o que consideramos melhor para nós e para os outros. É pela linguagem que o outro pode perceber nossas esperanças e desejos.

O aluno ao perceber o tema central criticado pela charge põe em evidência o grande contraste que vivenciamos no nosso país: *“o Brasil é considerado um país de terceiro mundo [...] o impostômetro aumenta a cada dia seu valor de arrecadação, e os impostos aumentam continuamente...[...]*”. Vemos que o aluno coloca sua posição perante o fato, mostrando seu conhecimento de mundo, uma vez que sua interpretação do problema social vem justamente de outros enunciados postos principalmente nos livros e na mídia, relatados na sua forma de entendimento, segundo Faraco (2009, p. 84), “como a realidade linguística social e heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes”. Assim podemos notar que o aluno ES traz para seu discurso enunciados proferidos por outros sujeitos socialmente entendidos do assunto em questão, uma junção de vozes alheias.

Mais uma vez o aluno traça comentários sobre as charges e sua colocação como difusor crítico para os assuntos sociais vigentes: *“muitos chargistas impõem críticas a situações impostas à população... a charge mostra uma situação comum que vemos no nosso dia-a-dia...o refrigerante é o alvo dos impostos e a denúncia é feita pelos personagens fictícios “ratos”*”. Na voz do aluno, podemos ver que ele vai além do que a charge mostra, pois o pesquisador esperava que o mesmo notasse a troca de papéis ofertada na crítica, os ratos mostrando o político na Coca, ou seja, existe uma comparação entre o sujeito político como ratos “nojentos”. Mas ao deixar de lado esse comentário e mostrar que a Coca está sendo mostrada como símbolo do consumismo e da industrialização, o aluno ES evidencia seu conhecimento sobre esses dois temas que também foi citado por ele nos comentários anteriores, Capitalismo e Consumismo, e que se entrelaçam, dialogicamente, formando um elo de divulgação da crítica pelo gênero charge, pois, como mencionam Bakhtin/Volochínov (2009, p. 13), “a consciência toma forma e existência nos signos criados por um grupo social no processo de sua interação social. A consciência individual se alimenta de signos, deriva deles seu crescimento, reflete sua lógica e lei”.

Dessa maneira, verificamos que o aluno, por meio de relações dialógicas, toma para si os signos sociais e ideológicos e transforma-os em diálogo, refletindo seu modo de ver as coisas, o mundo que o rodeia, reforçando ainda mais sua ideia quando cita que *“era uma*

cabeça de político, é essencial para identificar como a propaganda e o consumismo enriquece não só as grandes indústrias, como também o governo... [...]”.

Análise e evolução dialógica nos comentários da aluna “TS”

1º comentário

A aluna TS apresentou um pouco de resistência no primeiro encontro, pois sentia-se incapaz de produzir os comentários ao ver a proposta. Como foi dito anteriormente, o primeiro comentário foi produzido sem qualquer informação do pesquisador para apenas ver o grau de informatividade dos alunos perante o tema abordado, a saber: *“violência em, Campina Grande”*.

A aluna, ao analisar a charge, trouxe para seu comentário o título *“aonde vamos parar?”*. Apesar de não ter informação prévia sobre o gênero em questão, a mesma se pronuncia dando ênfase à característica da charge: *“podemos perceber na imagem uma crítica a realidade do que está acontecendo, e do que estamos vivendo”*, pois, como sabemos, a principal característica do gênero discursivo charge é justamente a crítica aos temas sociais vigentes. De maneira dialógica, podemos enfatizar o comentário da aluna com o que cita Faraco (2009, p. 85), *“nossos enunciados emergem como respostas ativas que são no diálogo social da multidão das vozes interiorizadas”*.

Com esse conceito, podemos inferir que os comentários feitos pela aluna são comentários produzidos a partir de outros, nem sempre percebidos mas interiorizados no seu modo de pensar e agir com as palavras, como respostas ao que a mesma pensa sobre o assunto, colocando-se sempre como sujeito social inserido e inserindo outros sujeitos nos enunciados, quando cita que *“muitos de nós já presenciamos ou vivemos momentos de terror, nos dias de hoje a palavra segurança é algo desconhecido em nosso vocabulário”*.

Um ponto importante notado nos comentários foi que os alunos associaram as críticas feitas pelos chargistas ao sistema governamental, pois sempre escrevem em determinados parágrafos que a solução para esses problemas está justamente na melhoria do nosso governo. Ressalva significativa, uma vez que notaram, implicitamente, que os principais personagens nas charges são os políticos e os temas em debate são na grande maioria temas que envolvem a forma negativa de governar o país: *“portanto nossa única solução é o governo investir na educação e em segurança, pois, querendo ou não, muitos entram na vida do crime por falta de educação”*, conforme TS.

O enunciado da aluna se apresenta como uma realidade complexa e dinâmica, mostrando sua intenção como ser participativa da esfera social, que evoca enunciados de muitas vozes que clamam por soluções. Com isso, dialogicamente podemos entender seus enunciados como veículo direto que expressa uma consciência coletiva, como observa Faraco (2009) que todo enunciado é discurso citado, em que o sujeito apenas repete os discursos e que não há espaço para a singularidade: somos todos sempre e apenas falados. Para o Círculo, o sujeito é essencialmente social. Com isso, podemos enfatizar que o nível dialógico nos comentários da aluna TS é consideravelmente bom, inserindo-se como sujeito socioideológico que reflete sobre as condições sociais vigentes.

2º comentário

A aluna TS faltou ao segundo encontro, mas mesmo assim, foi entregue a mesma todo material teórico explicativo para que ela pudesse ler e ficar atenta aos conceitos sobre o gênero charge, como também algumas explicações sobre o discurso chargista, a linguagem visual contidas nas charges, o exagero nas ilustrações e a crítica que forma o todo dos enunciados do gênero discursivo charge material (em apêndice 2).

No terceiro e último encontro, a aluna teve preferência para elaborar seu comentário sobre a charge que tinha como tema “turismo no Rio”, que enfocava a violência de forma implícita (em anexo 2). A aluna tomou como título para seu comentário “*violência, quanto custa*”.

Observamos que, logo no título, a mesma busca o tema central “violência” e junta ao tema exposto “turismo” formando assim o todo do enunciado, enfatizado com a expressão “quanto custa”, pois trata-se de gastos quanto aos visitantes de outros países, que ao mesmo tempo entram numa zona de perigo devido à grande onda de violência que enfrenta a cidade do Rio de Janeiro.

No primeiro parágrafo, a aluna mostra-se dialogicamente por dentro dos acontecimentos sociais, pois vai além do que é evidenciado na charge: “*a imagem é apenas um reflexo da nossa sociedade atual... [...] a copa do mundo está chegando e o que vamos oferecer aos turistas? assaltos, roubos, violência...*”. Nas visões de Bakhtin/Volochínov (2009), a linguagem como prática discursiva sociointeracional é constitutiva de um sujeito ativo e crítico, que pensa, que age, participa e faz uso dessa linguagem nos mais diversos estratos da sociedade e nas mais diversas situações comunicativas. Assim, o discurso proferido pela aluna marca um sujeito envolvido socialmente e traz consigo uma orquestração de vozes que ecoam em diversas situações que se pautam em dizeres já ditos,

mas são transformados, pelo irrepitível da enunciação, em momentos únicos/singulares que nunca irão acontecer novamente, uma vez que os enunciados são concretizados a partir do contexto de sua realização.

Mais uma vez a aluna relata os problemas sociais, colocando em evidência a maneira como o gênero charge coloca sua crítica nos temas abordados, mostrando uma possível solução para o caos existente na sociedade atual: “*o motivo de tanta violência vem da falta de segurança pública, muitas vezes os políticos investem em seus carros blindados... [...], e acabam esquecendo da população... [...]*”. Para Bakhtin (2010, p. 268), a linguagem, seja ela pensada como língua ou como discurso, é, portanto, essencialmente dialógica. Ignorar sua natureza dialógica é o mesmo que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida.

Observamos, a partir dessas palavras do teórico sobre a interação dialógica da linguagem, que a aluna aponta para uma leitura informativa sobre as ações dos políticos que configuram de maneira errônea no âmbito social, voz essa que clama por justiça e por planos de governo que ponham em evidência projetos de segurança e educação em primeira mão, uma vez que as vozes que ecoam da sociedade é que os políticos buscam apenas investir o dinheiro público para seu próprio benefício. A vida em sociedade configura os enunciados e suas intenções, apreendem a partir de outros discursos ideias e planos e criam os seus, que serão proferidos em um determinado momento de interação, justificando o que para Bakhtin, é totalmente inegável essa ligação existente entre as relações de diálogo nos discursos.

Dessa maneira, podemos enfatizar que os comentários dos alunos, tanto de ES quanto de TS, mostraram-se num princípio evolutivo considerável dialogicamente, buscando em outros discursos uma interação de conhecimentos que vai além do esperado. Vemos que a cada incitação sobre um tema os alunos buscaram novas fontes de informação, de conhecimento, construindo, assim, uma dialogicidade com outras fontes, outros textos e outros enunciados já citados, tanto na mídia como nas aulas, e até em conversas de amigos, numa espécie de compartilhamento de saberes e informações.

Com essas análises dialógicas dos comentários dos alunos, podemos concluir que o objetivo principal da pesquisa, ou seja, ampliar o universo intelectual do aluno na hora de produzir um comentário, foi alcançado, visto que possibilitou uma reflexão dos temas abordados nas charges e, a partir desses temas, puderam perceber os problemas sociais vigentes, como também apontarem em um gênero discursivo suas principais características e sua principal função, numa abordagem dialógico-discursiva da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o funcionamento de uma língua não é tarefa fácil, mas podemos dizer que os resultados obtidos a partir de uma pesquisa-ação é de extrema valia no que se refere aos resultados esperados e aos objetivos traçados, pois, a cada encontro entre pesquisador e sujeitos envolvidos surge uma nova aprendizagem, seja sobre o objeto pesquisado, seja sobre o que flui em uma conversa na sala de aula, monitorada através do que está sendo descrito na pesquisa.

Este último capítulo trouxe uma visão do pesquisador sobre todo o aparato da pesquisa, que inicia no encontro com o orientador e finaliza com a análise dos dados, no que se refere aos comentários feitos pelos alunos a partir dos temas abordados no gênero discursivo charge, numa busca de trazer para as aulas de Língua Portuguesa uma maneira mais eficaz de se trabalhar com gêneros, enfatizando todo o seu aparato como discurso social e ideológico, na sua formação como necessidade de comunicação até sua cristalização como texto e forma de interação e objetivação social.

De acordo com os objetivos traçados nesta pesquisa, podemos dizer que os resultados foram positivos, mas nunca acabados, servindo apenas de alavanque para que outros estudiosos ampliem tais conhecimentos sobre o assunto. Na presente pesquisa, procuramos mostrar como os comentários escritos de alunos do 3º ano do Ensino Médio trazem consigo marcas e vozes proferidas dialogicamente em outros discursos, sejam eles ouvidos ou lidos pelos alunos, mas que essas marcas traduzem todo o conceito discutido por Bakhtin e Círculo sobre a interação dialógica existente em todo enunciado, seja numa perspectiva ideológica ou das relações do eu com o outro.

Diante da realidade exposta, podemos enfatizar que cabe ao sujeito formador de opiniões, o professor, a busca pelo melhor aprendizado junto às instituições e ao corpo discente, uma maneira de transformar a realidade educacional e as concepções a respeito do ensino da nossa língua em oportunidades de formação crítica de sujeitos sociais.

Acreditamos que esta pesquisa-ação contribuiu com esta finalidade, nos impulsionando a continuar investindo em ações didáticas e científicas – em nível de formação *stricto sensu* – que relacionem cada vez mais discurso e ensino de língua (relação esta diluída neste trabalho pelas interações estabelecidas entre a ADD e o ensino de leitura para alunos do Ensino Médio).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Fátima. *O desafio de ler e escrever na escola: experiências com formação docente*. João Pessoa: Ideia, 2013.
- BAKHTIN, Mikail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____; VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Contexto, 2012, p. 191-200.
- BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- _____. (Org.). *Dialogismo e construção de sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: linguagem e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2006.
- BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução de Anna Raquel Machado. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2005.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Pour un enseignement de l'oral. Imitation aux genres fromels à l'école*. Paris: ESF EDITEUR, 1998.
- _____; _____. NOVERRAZ, Michèle. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; et al. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FRANKE, Augusto Bier. *O uso da charge na sala de aula*. Chargista, jornalista PUC-RS/ Especialista em Educação - UNIJUÍRS, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GERALDI, João Wanderley. Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, Lígia. (Org.). *Aprender e ensinar em textos*. volume 1. São Paulo: Cortez, 1995.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Elisa. Sintaxe e coesão no texto. In: VALENTE, André. (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 129-136.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation, de La subjectivité dans Le langage*. Paris. Armand Colin, 1988.

LAKATOS, Imre. *O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica*. São Paulo: Cutrix, 2001.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 194-207.

MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Gêneros jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidades leitoras. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). *Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula*. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010, p. 56-87.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Estudo do discurso: perspectiva teórica*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, Helga Vanessa Assunção de. *A charge virtual e a construção de identidades*. Recife: Editora da UFPE, 2008.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

VERGARA, Sylvia Constante. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 1998.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. *A estrutura do enunciado*. Paris, Seuil, 1976.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - MATERIAL USADO NO 1º ENCONTRO COM A TURMA

QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: ____ (anos) Sexo: ____ masculino ____ feminino

Serie: 3 do Ensino Médio

RESPONDER

1. Livros em casa: (a) tem _____
(b) não tem _____
(c) número aproximado de volumes _____
2. Revistas em casa: (a) tem _____
(b) não tem _____
(c) número aproximado de títulos _____
3. Jornais em casa: (a) tem _____
(b) não tem _____
(c) É assinante de jornal? ____ Sim ____ Não
4. Internet em casa: (a) tem _____
(b) não tem _____

MARQUE COM "X"

5. Você gosta de ler? Sim ____ Não ____ Às vezes ____
6. Você entende o que lê? ____ Sim ____ Não ____ Às vezes ____
7. Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:
 ____ ficar no início
 ____ parar na metade
 ____ ir até o final
 ____ só olhar a capa e as figuras

RESPONDER

8. Que livro você mais gostou de ter lido até hoje? Por quê?
 R.: _____
 Por que: _____
9. Que revista você mais gosta de ler?
 R: _____
 Por que _____
 continua.....
10. Escreva três assuntos ou temas sobre os quais você mais prefere ler :
 R. _____
11. Se você escrevesse um livro, que tema escolheria?
 R: _____

ASSINALE COM "X" duas alternativas que indicam o seu jeito de ler:

12. Você procura um livro para ler:
 ____ por iniciativa própria
 ____ por indicação do professor
 ____ por indicação de um amigo
 ____ pelo título ou nome do livro

- pela capa e figuras
- quando ganha de presente
- quando o vê na biblioteca
- outro jeito: _____

13. Nas suas horas de folga o que voce mais fez é:

- navega na internet
- assisti tv
- ler
- trabalhar
- pratica esporte
- descansa
- outra coisa: _____

**14. ASSINALE COM "X" QUANTO VOCE LÊ OS MATERIAIS ABAIXO:
DIARIAMENTE SEMANALMENTE MENSALMENTE Contos/histórias :
semanalmente() mensalmente() diariamente()**

APÊNDICE 2 - MATERIAL TEÓRICO UTILIZADO NO 2º ENCONTRO

A CHARGE

Charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com um ou mais personagens envolvidos. A palavra é de origem francesa e significa carga, ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco. Muito utilizadas em críticas políticas no Brasil. Apesar de ser confundido com cartoon (ou cartum), que é uma palavra de origem inglesa, ao contrário da charge, que sempre é uma crítica contundente ligada a temporalidade, o cartoon retrata situações mais corriqueiras do dia-a-dia da sociedade¹. Mais do que um simples desenho, a charge é uma crítica político-social onde o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas através do humor e da sátira. Para entender uma charge, não é preciso ser necessariamente uma pessoa culta, basta estar por dentro do que acontece ao seu redor. A charge tem um alcance maior do que um editorial, por exemplo, por isso a charge, como desenho crítico, é temida pelos poderosos. Não é à toa que quando se estabelece censura em algum país, a charge é o primeiro alvo dos censores infra.

O termo charge vem do francês charger que significa carga, exagero ou, até mesmo ataque violento (carga de cavalaria). Isto significa aqui uma representação pictográfica de caráter, como diz no primeiro parágrafo, burlesco e de caricaturas. É um cartum que satiriza um certo fato, como idéia, acontecimento.

O discurso chargístico

As charges recorrem a variadas estratégias de discurso para produzir os efeitos cômicos e reflexivos a que se propõem. Na maioria dos casos, apenas algumas técnicas são empregadas em uma mesma produção, mas certos elementos mostram-se frequentes ou mesmo essenciais e, por vezes, aparecem juntos.

Linguagem visual

O elemento visual é característica presente em toda e qualquer charge. As codificações visuais proporcionam maior compreensão da crítica que o chargista pretende passar. É claro que, na maioria das vezes, às imagens se aliam a linguagem verbal para enriquecer o discurso elaborado.

O exagero

Grande parte das charges trabalham com a questão do exagero. Exagerando, o chargista consegue dar ênfase maior ao que está tentando dizer ao evidenciar aspectos marcantes do que a obra se propõe a retratar. São distorções que distanciam o desenho da realidade, mas aproximam-no da verdade. Ao mesmo tempo, os exageros são responsáveis por enaltecer o caráter cômico das charges e provocar o riso dos leitores.

Situação ou pessoa, envolvendo principalmente casos de caráter político que seja de conhecimento do público.

As *charges* foram criadas no princípio do século XIX (dezenove), por pessoas opostas a governos ou críticos políticos que queriam se expressar de forma jamais apresentada, inusitada. Foram reprimidos por governos (principalmente impérios), porém ganharam grande popularidade com a população, fato que acarretou sua existência até os tempos de hoje. Exemplo de charge



Fonte: www.charges.uol.com.br/ Acesso em 31/03/2014

REFLITAM:

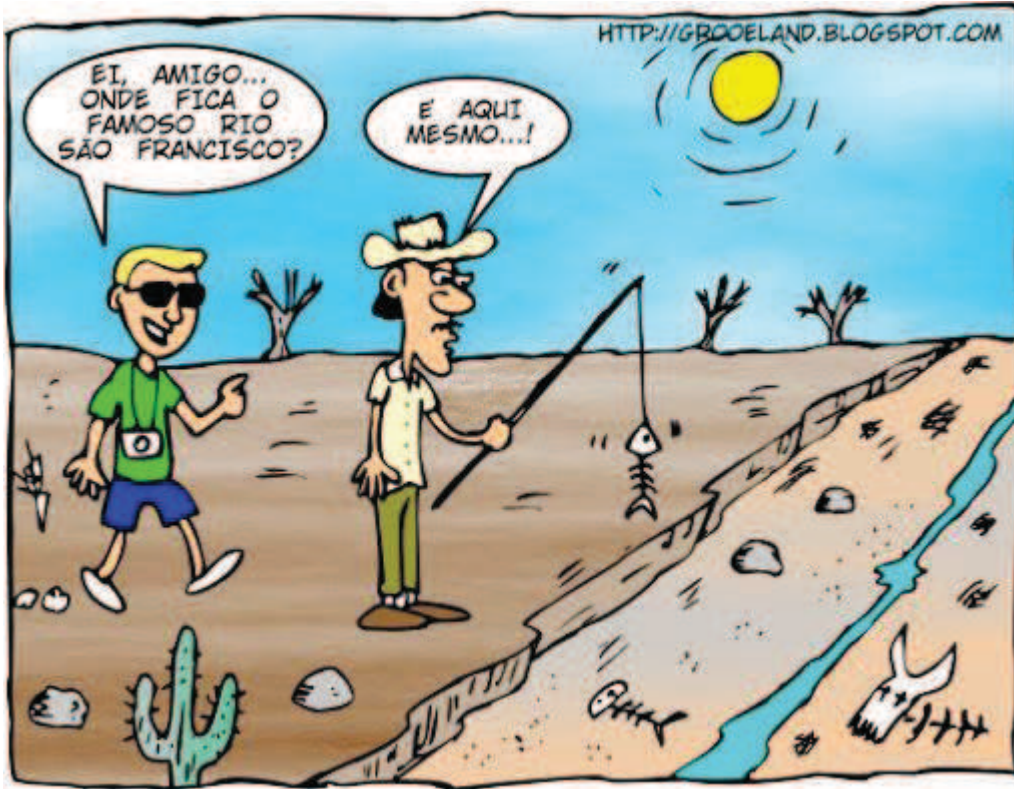
- 1º Quais figuras públicas mais aparecem nas charges?
- 2º Quais acontecimentos são retratados?
- 3º O que significa as figuras?
- 4º Qual a crítica e o humor das charges acima?

MATERIAL USADO COMO EXEMPLOS DO GÊNERO CHARGE



<http://blogs.lancenet.com.br/charges/>

Fonte: www.humortadela.com.br/charges. Acesso em 13/03/2014



Fonte: www.humortadela.com.br/charges Acesso em 14/03/2014

ANEXOS

ANEXO 1 - ENCONTRO COM A TURMA DO COLÉGIO NOVO MILÊNIO



foto 3



foto 4







ANEXO 2 - QUESTIONÁRIOS E PRODUÇÕES RESPONDIDOS PELOS ALUNOS

QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA

IDENTIFICAÇÃO

Nome: aluno TS
 Idade: 19 (anos) Sexo: masculino feminino
 Serie: 3 do Ensino Médio

RESPONDER

1. Livros em casa: (a) tem
 (b) não tem
 (c) número aproximado de volumes 30
 2. Revistas em casa: (a) tem
 (b) não tem
 (c) número aproximado de títulos
 3. Jornais em casa: (a) tem
 (b) não tem
 (c) É assinante de jornal? Sim Não
 4. Internet em casa: (a) tem
 (b) não tem

MARQUE COM "X"

5. Você gosta de ler? Sim Não Às vezes
 6. Você entende o que lê? Sim Não Às vezes
 7. Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:
 ficar no início
 parar na metade
 ir até o final
 só olhar a capa e as figuras

RESPONDER

8. Que livro você mais gostou de ter lido até hoje? Por quê?
 R: 50 dias de Cinza, Diário de um vampiro
 Por que: São histórias que me chamam atenção
 9. Que revista você mais gosta de ler?
 R: _____
 Por que _____
 _____ continua....
 10. Escreva três assuntos ou temas sobre os quais você mais prefere ler:
 R: Romance, ação e histórias de vampiros
 11. Se você escrevesse um livro, que tema escolheria?
 R: Romance

ASSINALE COM "X" duas alternativas que indicam o seu jeito de ler:

12. Você procura um livro para ler:
 por iniciativa própria
 por indicação do professor
 por indicação de um amigo
 pelo título ou nome do livro
 pela capa e figuras
 quando ganha de presente
 quando o vê na biblioteca
 outro jeito: _____
 13. Nas suas horas de folga o que você mais fez é:
 navega na internet
 assistiu tv
 ler
 trabalhar
 pratica esporte
 descansa
 outra coisa: _____

14. ASSINALE COM "X" QUANTO VOCE LÊ OS MATERIAIS ABAIXO:

DIARIAMENTE SEMANALMENTE MENSALMENTE
 Contos/histórias: semanalmente() mensalmente() diariamente()

QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

aluno ES

Idade: 12 (anos) Sexo: masculino feminino

Serie: 3 do Ensino Médio

RESPONDER

1. Livros em casa: (a) tem
 (b) não tem _____
 (c) número aproximado de volumes _____
2. Revistas em casa: (a) tem
 (b) não tem _____
 (c) número aproximado de títulos _____
3. Jornais em casa: (a) tem _____
 (b) não tem
 (c) É assinante de jornal? Sim Não
4. Internet em casa: (a) tem
 (b) não tem _____

MARQUE COM "X"

5. Você gosta de ler? Sim Não _____ Às vezes _____
6. Você entende o que lê? Sim _____ Não _____ Às vezes _____
7. Ao ler um livro, uma revista ou um texto, você costuma:
 _____ ficar no início
 _____ parar na metade
 ir até o final
 _____ só olhar a capa e as figuras

RESPONDER

8. Que livro você mais gostou de ter lido até hoje? Por quê?

R: A Mulher

Por que: é um livro muito bom, com uma história que é muito interessante e que me fez aprender muitas coisas.

9. Que revista você mais gosta de ler?

R: Revista - Publicação Brasileira de Notícias e Opiniões

Por que: porque ela traz muitas notícias e opiniões interessantes e atualizadas.

10. Escreva três assuntos ou temas sobre os quais você mais prefere ler:

R: A natureza, história, os avanços tecnológicos e como os humanos têm com-

11. Se você escrevesse um livro, que tema escolheria?

R: A natureza

ASSINALE COM "X" duas alternativas que indicam o seu jeito de ler:

12. Você procura um livro para ler:
 _____ por iniciativa própria
 _____ por indicação do professor
 _____ por indicação de um amigo
 pelo título ou nome do livro
 _____ pela capa e figuras
 _____ quando ganha de presente
 _____ quando o vê na biblioteca
 _____ outro jeito: _____

13. Nas suas horas de folga o que voce mais fez é:

- _____ navega na internet
 _____ assistiu tv
 _____ ler
 _____ trabalhar
 _____ pratica esporte
 descansa
 _____ outra coisa: _____

14. ASSINALE COM "X" QUANTO VOCE LÊ OS MATERIAIS ABAIXO:

DIARIAMENTE SEMANALMENTE MENSALMENTE

Contos/histórias: semanalmente mensalmente diariamente

Google faz ameaça de encerrar suas atividades na China

Motivo alegado pela empresa é tentativa de acessar as contas do Gmail de ativistas de direitos humanos.

O Google ameaçou ontem abandonar suas operações na China após ter descoberto a invasão de contas de e-mail de ativistas de direitos humanos no país.

Em um comentário no blog corporativo, a empresa relata que detectou um "ataque altamente sofisticado contra nossa infraestrutura originado na China" e que um de seus principais objetivos era "acessar as contas Gmail de ativistas de direitos humanos".

A empresa não acusa diretamente o governo chinês, mas diz que pretende, a partir de agora, não mais censurar os resultados em seus mecanismos de busca, uma das exigências de Pequim para permitir a operação do site no país — o que pode forçar o fechamento do site e de seus escritórios no país.

[...]

Isabel Duarte Lopes: Google faz ameaça de encerrar suas atividades na China, Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jan. 2010. Mundo.



Isabel Duarte Lopes: Google faz ameaça de encerrar suas atividades na China, Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 jan. 2010. Mundo.

Porque os direitos têm mais importância a eles
e não a eles.

Quando o governo tem o direito de controlar o acesso à internet, a China, Índia e Coreia do Sul, um país cada um, não tem o direito de controlar o acesso à internet. O Google, a empresa americana, não tem o direito de controlar o acesso à internet. O Google, a empresa americana, não tem o direito de controlar o acesso à internet. O Google, a empresa americana, não tem o direito de controlar o acesso à internet.

Quando o governo tem o direito de controlar o acesso à internet, a China, Índia e Coreia do Sul, um país cada um, não tem o direito de controlar o acesso à internet. O Google, a empresa americana, não tem o direito de controlar o acesso à internet. O Google, a empresa americana, não tem o direito de controlar o acesso à internet. O Google, a empresa americana, não tem o direito de controlar o acesso à internet.

3ª PRODUÇÃO DO ALUNO - TS



Violência, quanto custa?

A imagem apenas é um reflexo da nossa sociedade atual a violência e os crimes em geral, não apenas no Rio de Janeiro mas em toda sociedade Brasileira. A copa do mundo está chegando e se que vamos oferecer aos mesmos turistas? Assaltos, roubos, violência e medo? Queremos da uma boa impressão mas infelizmente isso não vem acontecendo.

Nos dias atuais vivemos grandes conflitos com a insegurança, podemos perceber em noticiários e em jornais cada dia uma barbante estampada, o medo e a insegurança nos permeia isso acontece com todos ricos ou pobres.

A violência está tão grande que as pessoas temem sair de casa, pois não existe hora ou lugar para se acontecer, precisamos urgentemente da ajuda dos governantes que eles investa mais em nossa segurança, melhorias nos policiamento e armamento específico. O motivo de tanta violência vem da falta de segurança pública, muitas vezes os políticos investem em seus carros blindados e na segurança deles e acabam esquecendo da população que tem que andar sendo vulnerabilizada pelo o medo. Esperamos e temos a esperança que os governantes e as autoridades venham nos oferecer e que o medo e a insegurança exista apenas em histórias de terror ou em filmes.

3ª PRODUÇÃO DO ALUNO - ES



A Vandalagem na Política

O Brasil hoje é considerado um país de terceira mundo e isso é influenciado por questões de impostos, exportação, etc. O país em que vive, nós também é considerado o maior país, tem respeito aos impostos, formado nos países, o que hoje é um absurdo de dinheiro gasto do país, parte que também não é mais usada. Os impostos afetam o trabalhador, o comércio e o governo.

Os impostos aumentam cada dia de valor por dia, os impostos aumentam, aumentando, são parte de muitos problemas. Mas, agora, talvez seja fácil e até mesmo por alguma razão que não quero dizer. Muitos políticos impõem custos a outras coisas, a população brasileira. A carga é alta, por exemplo, mostra uma situação comum que é pagar mais do que a vida. Na casa, mostra o seguinte: a alta dos impostos e a denúncia é feita pela população, fictícia ou cultura "Mito". Compostos, impostos aumentam e porque podemos reduzir os impostos como Vandalagem?

Os impostos constituem uma parte importante de gastos e com eles o país não pode mais crescer e consegue aumentar esse indústria nos últimos anos. impostos e servem para a política, além de uma Vandalagem - se fosse utilizado para política: "é, um país de política" e considero para identificar, como a Vandalagem e o crescimento econômico não os grandes indústrias, mas também o governo quando de menos de a indústria em algumas situações. O que devemos fazer em situações assim? Pagar conscientemente nossos impostos, saber o que é e não é imposto, pois, algumas empresas não permitem informar este total. Se não for, também, mesmo parte em meio à a Vandalagem política dos impostos e é importante reconhecer isso que a sociedade ao qual vivemos seja melhor.